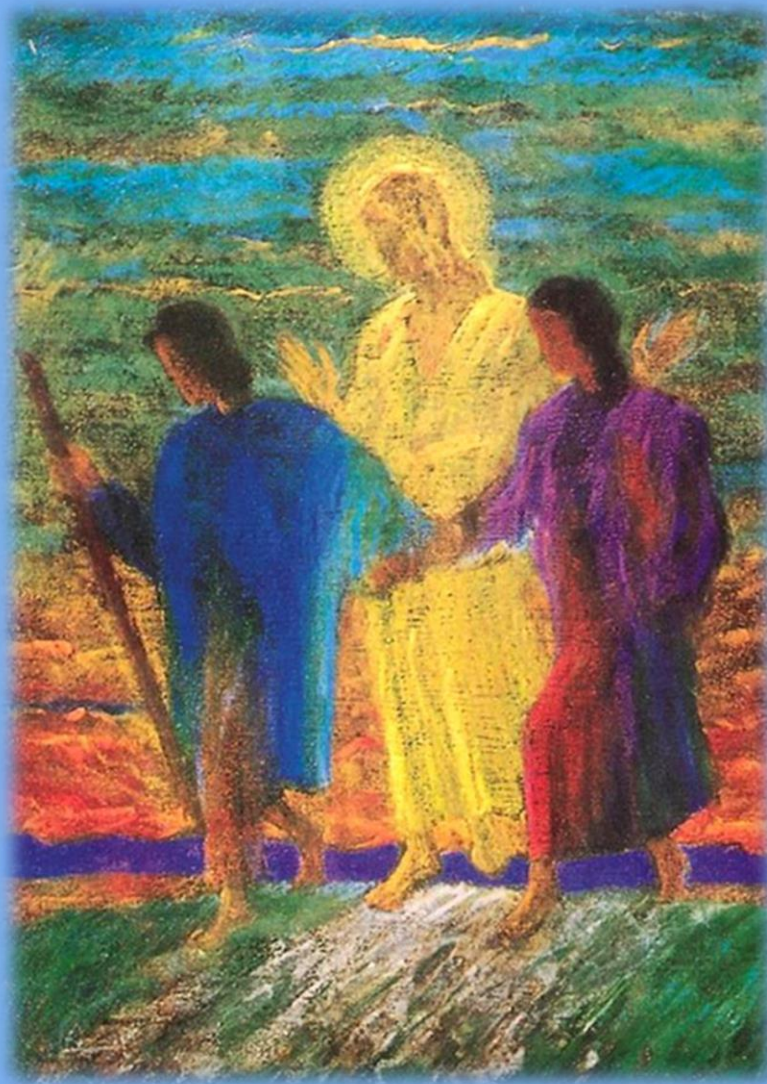


TRADITIO SCALABRINIANA

Sussidi per l'approfondimento



30

Novembre 2019

TRADITIO SCALABRINIANA

Sussidi per l'approfondimento

30

Novembre 2019

In questo numero:

Dornelas Sidney M., cs

A pastoral do migrante como dialética. Comentário às intuições do Pe. Tarcísio Rubin, cs 1

The pastoral care of migrants as dialectic. Comments to the intuitions of Fr Tarcísio Rubin, cs 8

Pinheiro Sandra Maria, mscs

Nas pegadas de Jesus itinerante 15

In the footsteps of the Itinerant Jesus 22

Buch Marianne, Maisano Bianca e Marina Azzola, mss

Incontri quotidiani a Saigon 29

Daily day-to-day encounters in Saigon 34

Comitato di Redazione

Graziano Battistella, cs, Elizabeth Pedernal, mscs, Anna Fumagalli, mss

Per il testo base della *Traditio Scalabriniana*, si veda il n. 1 (giugno 2005)

A PASTORAL DO MIGRANTE COMO DIALÉTICA

Comentário às intuições do Pe. Tarcísio Rubin, cs

Pe. Sidnei Marco Dornelas, cs¹

A memória do Pe. Tarcísio Rubin, missionário scalabriniano que atuou na Argentina entre 1974 e 1983, ainda hoje é fonte de inspiração e questionamento entre aqueles que se dedicam ao trabalho pastoral junto aos migrantes. Era conhecido por sua inserção profunda no meio dos migrantes, principalmente os bolivianos que vinham periodicamente trabalhar na região norte de Argentina, bem como por ser um homem de oração e forte espiritualidade. No entanto, deixou muito pouca produção escrita. Neste artigo gostaríamos de fazer alguns comentários a partir de um dos seus poucos textos escritos, em que deixou expresso seu pensamento sobre a pastoral migratória, e que ainda possui um surpreendente sabor de novidade teológica. É um pequeno tesouro para aqueles que desejam construir um pensamento teológico a partir da prática missionária e pastoral junto aos migrantes, hoje e para o futuro.

Pistas para uma missiologia da Pastoral dos Migrantes

Entre os poucos escritos deixados por Pe. Tarcísio Rubin há um pequeno texto em que apresenta um conjunto de pensamentos sobre como percebia a Pastoral Migratória. Pe. Rubin o redigiu, pouco tempo antes de sua morte, após muita insistência de Pe. Luciano Baggio, seu coirmão de Congregação.² Esse texto, como Pe. Baggio se refere a ele, mais do que um estudo sistemático e urdido teoricamente, é um “florilégio” de pensamentos. É uma exposição livre de suas intuições e inquietações quanto à missão da Igreja entre os migrantes, além de espelhar a visão “teológica” de sua vida apostólica. Como foi escrito sem grandes pretensões, colocou em seu verso uma irônica recomendação: era para ser lido antes de dormir, “para pegar no sono”.

Lendo esse texto, reconhecemos sua sensibilidade para com os migrantes, assim como seus questionamentos sobre a condição da Igreja e da Pastoral em relação a eles. Ao perceber sua atualidade, junto com Pe. Baggio, podemos dizer que é o seu “testamento”. Nesse sentido, é uma contribuição que pode nos ajudar a identificar várias pistas uteis para orientar uma reflexão mais amadurecida sobre a missão da Pastoral dos Migrantes. São sementes espalhadas há muitos anos, que podem ainda germinar e dar muitos frutos. Por isso, a partir da leitura desse texto gostaríamos de tecer alguns comentários.

a) A condição social do migrante: sinal de contradição

Pe. Rubin inicia seu texto apontando para a atualidade do fenômeno migratório, para o seu caráter massivo, e seu desdobramento em vários níveis: social, religioso, cristão. Logo em seguida, mostra sua visão sobre a condição de vida dos migrantes:

“A nota principal do migrante é sentir-se “estranho” no estilo comum de vida, experimentando a psicologia do estrangeiro marginalizado na sociedade civil e religiosa. Também aqueles que vivem na pátria entre grandes grupos de emigrados, em seus costumes e estilo de vida”. (p. 66)

¹ Publicado originalmente na *Revista Espaços*.

² O texto está em Baggio Luciano, *Misionero migrante, P. Tarciso Rubin*, Buenos Aires, CMLA, 1985, pp. 87.

O fato de conhecer de perto como o migrante experimenta interiormente a sua condição de vida dá sentido a esse olhar de Pe. Rubin, que não exerceu apenas uma tarefa de escuta, mas também compartilhou seus sentimentos, nos locais em que viviam, em que trabalhavam, se deslocavam, e em seus momentos de vida familiar ou de lazer. Nesse contato, percebeu a relação de “estranhamento” que viviam frente à sociedade nacional, dos cidadãos já estabelecidos. Essa é a “nota” que os acompanha em todos os momentos de seu cotidiano. Em outras palavras, na sua instabilidade permanente, vivendo como um “deslocado” frente ao “estilo” comum de vida, os migrantes vivem a marginalidade não só como um lugar social, mas também interiorizada como sua condição de vida.

Talvez por ter essa sensibilidade aguçada, Pe. Rubin, missionário entre os migrantes temporários bolivianos em Argentina, vai ainda mais longe ao declarar que ao lado do “deslocamento” social do migrante, se acrescenta também o “deslocamento” étnico: “*Por isso, quem sabe, o emigrante mais marginalizado seja o índio americano. Tem continente, mas não tem pátria; tem um rosto próprio, mas não tem identidade pessoal conhecida e estimada*”. (p. 66)

Sendo estranho no seu estilo de vida, vivendo vários níveis de deslocamento em seu cotidiano, o migrante vive numa “provisoriamente permanente”, nos espaços marginais e segregados da sociedade. Vindo de outros lugares, para suprir uma demanda de trabalho na sociedade e economia que o recebe, o estranhamento de seus costumes, suas crenças, sua língua, sua religião e seu modo de vida são vistos como um incômodo pelos “nacionais”. Na verdade, a presença do migrante se constitui num verdadeiro sinal de contradição para a sociedade que o acolhe: lembra a todos que seu bem estar se apoia no trabalho mal pago a trabalhadores estrangeiros; denuncia o Estado Nacional, que garante o direito de seus cidadãos à custa da exclusão dos trabalhadores “não nacionais” inseridos em sua economia.³ Em outros termos, existe uma relação dialética, na medida em que a sociedade capitalista, mesmo em tempos de globalização, para constituir-se a si própria, necessita desenraizar e deslocar os migrantes de outros lugares, a fim de produzir a força-de-trabalho necessária para a sua existência. Força-de-trabalho migrante que, deslocada e marginalizada, tão necessária em tempos de prosperidade, é com muita facilidade rechaçada e criminalizada em tempos de crise econômica. Rechaço que na Argentina da época de Pe. Rubin era também uma maneira de negar sua própria verdade: “*Latino América é muito latina, e pouco américa; o primeiro termo quer apagar o segundo*”. (p. 66)

Assim, a sociedade do capital e os migrantes se constituem e se opõem mútua e simultaneamente, um necessitando do outro para poder existir. Por isso, o migrante, sem que ele mesmo atine para isso, por sua própria presença, possui um significado político. Ele torna visível uma contradição latente da sociedade nacional, ao indicar algo como uma forma secular de “heresia” frente ao “dogma” da cidadania apoiada na nacionalidade, que encontra no Estado Nacional o seu baluarte. A estabilidade das instituições nacionais, de sua ordem política e seu quadro de normatividade, que dá caráter de normalidade ao cotidiano, se vê confrontada com a instabilidade e transitoriedade da vida dos migrantes, com o inusitado de sua condição de vida, que irrompe no interior da sociedade nacional com suas demandas sociais e culturais. O incômodo com sua presença também é sentido pelas instituições da Igreja Católica, que também procuram enquadrar as demandas sociais, culturais e religiosas dos migrantes.

³ Para um aprofundamento sobre o tema da condição social do migrante, como sinal de contradição, e em seu significado político, remetemos à reflexão feita por A. Sayad. Cf. Sayad, A., O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia – revista do migrante*, número especial, São Paulo: CEM, jan/2000, pp. 30-32; e também Sayad, A., *L’immigration ou les paradoxes de l’altérité*. Bruxelles De Boeck-Wesmael, 1991, pp. 289-311. [trad. Brasileira: A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo, EDUSP, 1998].

Pe. Rubin em seu caminho de reflexão, não se obriga a considerar em demasiado a condição do migrante na sociedade capitalista, mas parte dessa realidade para tratar dos pontos que mais lhe interessam, questionando o modo como a Igreja reage:

“Nos documentos oficiais da Santa Sé (*Exsul Familia, Pastoralis Migratorum Cura*, Igreja e Mobilidade Humana) se vê sempre o esforço de uma contínua atualização; dão a impressão de nascer já velhos. Por quê? Porque cada estrutura tem necessidade de certa estabilidade, as migrações são por natureza móveis, nascem em momentos imprevistos, vão por canais não fabricados. O migrante rompe os esquemas, é fruto de uma malformação inerente à estrutura humana a serviço dos capitais, da economia; por isso as estruturas pastorais antes de ser para os migrantes, devem ser migrantes, móveis.” (p. 68)

O migrante, essa “malformação” produzida pela própria sociedade capitalista, é por sua condição social (que aparece como uma segunda “natureza”) um ser instável, e por isso reage à sua condição de marginalidade procurando seus próprios caminhos, por canais “imprevistos”, “não fabricados”. Assim, ele se revela um sinal de contradição também para a Igreja, que também está assentada na estabilidade, dentro dos quadros da nacionalidade, em territórios bem definidos, e seus próprios códigos de normatividade. Por isso, quando o apelo da caridade pastoral pelos migrantes chega, no afã de acompanhar um fenômeno em constante mudança, sempre chega atrasada. As estruturas pastorais da Igreja se mostram inadequadas, em descompasso com a condição social dos migrantes.

A missão junto aos migrantes, para entrar em diálogo com suas demandas, deve compartilhar com eles as mesmas condições de vida, e ser migrante junto com eles. Ora, dialeticamente, entre a estabilidade dos referenciais de sua eclesialidade, e a condição móvel, marginal e deslocada dos migrantes, a pastoral também deve se fazer móvel, se colocar na brecha que caracteriza a condição dos migrantes. Assim, também a pastoral dos migrantes deve se tornar, dessa maneira, sinal de contradição. No exercício das mediações entre a Igreja e os migrantes, a pastoral (e seus agentes) se posiciona nesse “entre dois”, que é vivenciado cotidianamente pelos migrantes. Pe. Rubin intuiu isso muito bem quando escreve: “*Por sua natureza o apostolado entre os migrantes é dialético: tem em si mesmo a tese e a antítese. Precisa buscar a síntese. No trabalho com os migrantes os extremos se tocam*”. (p. 66)

b) “A centralidade do pastor”

Enfatizamos desde o início a grande preocupação de Pe. Rubin pela espiritualidade vivida pelos missionários enviados aos migrantes. Uma espiritualidade que ele mesmo procurou encarnar em seu dia-a-dia, em suas peregrinações, na presença missionária junto aos migrantes. Em nome dela buscava relativizar todas as estruturas pastorais e formativas da Igreja:

“É preciso compartilhar a aventura de caminhar no deserto. As estruturas, os programas são preguiçosos por natureza, feitos em escritórios, escritos em livros, discutidos em reuniões, sessões, congressos. Se fala frequentemente dos migrantes e pouco com os migrantes.” (p. 67)

A instância crítica às estruturas eclesiais, o que pode relativizá-las, é a própria missionariedade, vivida concretamente.⁴ O que dá autoridade à palavra da Pastoral dos Migrantes, é a escuta e a interação com os próprios migrantes. Assumir essa orientação é optar pelo indefinido, pela instabilidade, pela provisoriedade própria do mundo dos migrantes, um grande desconhecido para a própria pastoral. Trata-se realmente de uma “aventura” no “deserto”. A partir dessa vivência é que Pe. Rubin continua se estendendo em sua crítica às formas como se organizam a Pastoral do Migrante, aprofundando o sentido da “dialética” na pastoral:

⁴ O Papa Francisco exprime esse mesmo pensamento em discurso proferido no encontro com os delegados do CELAM, por ocasião da JMJ no Rio de Janeiro em 28 de julho de 2013.

“A estrutura da pastoral se baseia no grupo étnico, que cria comunidades fechadas, gueto, um espírito racista, em rechaço a outros grupos. O favorecer o uso da língua própria e seus próprios costumes deveriam ser uma sinfonia pentecostal, porém frequentemente se reduz a uma torre de Babel. A paróquia territorial e também a ‘missão com cura de almas’ alimenta em si mesma a contradição: são estruturas feitas para residentes. Não se pode fazer um automóvel para estar parado, ou uma poltrona para correr. Como superar esta dialética de tese e antítese? Como fazer para unir os dois extremos?” (p. 67)

Repassando as limitações das estruturas normalmente reconhecidas para o trabalho pastoral com migrantes (paróquia pessoal e comunidade com cura de almas)⁵, Pe. Rubin mostra como elas tendem para a estabilidade, favorecendo a sedentarização dos migrantes, e contraditoriamente alimentam o que existe de pior entre eles, e contra eles: o gueto, os grupos fechados, os preconceitos, a xenofobia contra os outros migrantes (e mesmo os nativos do lugar). Como sair dessa armadilha e fazer com que os migrantes se vejam como Igreja em sua vivência de fé, e a Igreja se reconheça no modo de viver a fé dos migrantes? Qual o caminho para a síntese dessa dialética inerente ao cuidado pastoral dos migrantes?

Pe. Rubin não tem dúvidas, tudo passa pelo coração do pastor:

“O manual de pastoral mais simples é o discurso do Bom Pastor. O pastor dá a vida por suas ovelhas. No deserto de Judá a ovelha sem pastor morre, porque não sabe onde buscar alimento e água. O pastor sem a ovelha morre porque não tem nada mais para comer. Assim deve ser para as ovelhas migrantes. Sem o amor do sacerdote morrem. O migrante busca trabalhar como operário, porém busca amar como homem. O missionário que dá coisas e não coração morre como missionário; as coisas, as estruturas devem fazer chegar a força do coração. A organização do trabalho pastoral entre os migrantes deve ter em conta a formação e a debilidade do missionário” (p. 70)

Podemos dizer que, por meio de seu testemunho de vida, o missionário inserido no meio dos migrantes, que se impregna do “cheiro das ovelhas” (Papa Francisco), é aquele que no encontro com eles pode fazer emergir um verdadeiro “lugar teológico”.⁶ É o missionário que, por meio de sua interação, pode ajudar a reconciliar aquilo que é contraditório, e parece irremediavelmente deslocado, entre a Igreja e os migrantes. Torna-se então agente de mediação, pelo exercício do diálogo e da reconciliação, traduzindo linguagens, rotinas, procedimentos e costumes distintos. Facilitando que o “novo” possa ser suscitado nessa interação. Enfim, ele se encontra num “lugar seminal”, e por isso pode ensejar a criação da “síntese”, para a qual Pe. Rubin aponta. Tudo isso, evidente, à condição de que o missionário esteja disposto a suportar as vicissitudes do lugar social em que se encontra: “*Os migrantes são uma contrariedade como pessoas para a sociedade civil. Os missionários são uma contrariedade para a sociedade eclesial: rompem os esquemas territoriais, jurídicos.*” (p. 70)

Assim, no centro de toda pastoral está a pessoa do missionário, em particular o sacerdote, como gostava de frisar Pe. Rubin. Não perdia de vista que o evangelizador não é em primeiro lugar um assistente social, ou um mediador cultural, ou um assessor político ou comunitário. O evangelizador é o portador de uma mensagem, a do Evangelho, e é em vista dela que existe a missão da Igreja. Se

⁵ Para uma explicação quanto ao reconhecimento canônico dessas estruturas de pastoral, cf. De Paolis, V., *La pastorale dei migranti nelle direttive della Chiesa. People on the move*, n.54, 1989, p. 33-114; De Paolis, V., *La pastorale dei migranti e le sue strutture secondo i documenti della Chiesa. People on the move*, n.87, 2001, p. 133-170.

⁶ Os elementos da reflexão aqui desenvolvidos sobre o significado teológico da pastoral dos migrantes, e do missionário como agente de mediações, estão mais trabalhados em Dornelas, S.M.; Nasser, A.C.A. *Pastoral do Migrante: relações e mediações*. São Paulo: Loyola/CEM, 2008, pp. 235ss.

o manual mais simples do missionário é o trecho do Bom Pastor no evangelho de João, Pe. Rubin menciona outro manual importante, em vista da missionariedade da Pastoral dos Migrantes:

“Quem sabe o melhor manual de pastoral migratória seja a ‘*Evangelii Nutiandi*’, porque, como o missionário entre os pagãos, o missionário dos migrantes não está a serviço dos migrantes, senão da mensagem (...) Isto é, o problema principal da pastoral dos migrantes não são os migrantes, nem a pastoral, mas o pastor.” (p. 68)

Em outros termos, no exercício da mediação pelo missionário entre os migrantes está em jogo a própria missão da Igreja, sua razão de existir. Nesse ponto, pensando na renovação da toda Igreja, a partir da atualidade de sua missão junto aos migrantes, é que Pe. Rubin procura vislumbrar um horizonte mais amplo: o da catolicidade da Igreja.

c) O horizonte da catolicidade

Tendo sempre presente o lugar do missionário no interior das estruturas de pastoral da Igreja, Pe. Rubin não perde de vista que a pastoral do migrante, assim como o seu agente de pastoral, se insere na tarefa evangelizadora de toda Igreja. Por isso, não se trata de apenas atender as demandas dos migrantes, mas de caminhar juntos como Igreja católica:

“O maior perigo da estrutura pastoral em todos os campos é o gueto, o fechar-se no próprio grupo paroquial, étnico, religioso. Arriscamos ser como o sacerdote da parábola: não se deteve na estrada de Jericó, porque o ferido não era de sua paróquia, da comunidade étnica, de sua nação (...) O problema não é passar de um grupo paroquial a um grupo étnico, mas sim passar de um grupo humano à humanidade total. A coisa mais difícil não é ser Igreja, mas ser Igreja Católica, universal.” (p. 69)

O exercício de mediação a que o missionário no meio dos migrantes é chamado a realizar tem sentido na medida em que se abre para a catolicidade da Igreja. Sendo sinal de contradição, a partir de sua inserção entre os migrantes, ele testemunha profeticamente o sentido mais genuíno do ser Igreja no mundo atual. Um sentido que tem se revelado ainda mais pertinente na era da globalização, em que todos nós estamos pressionados pelo encurtamento da distância dos referenciais de tempo e espaço, pela conexão imediata em tempo real, pela facilidade dos deslocamentos, enfim, pela polarização entre o local e o global. Os migrantes também aqui são um sinal de contradição, como um apelo vivo a romper as barreiras e se abrir para a universalidade:

“O migrante é uma provocação à universalidade. Quem caminha rompe as fronteiras estabelecidas, deixa de um lado muitas coisas particulares e deseja se sentir em casa em cada região, porque a terra é pátria de todos.” (p. 67)

Assim, também o missionário entre os migrantes trabalha para reafirmar em novas modalidades a catolicidade da Igreja. Em cada comunidade ou grupo migrante, que vive de maneira genuína sua fé, em sua condição social, toda a Igreja pode se reconhecer como tal. Da mesma maneira como cada grupo ou comunidade migrante pode assim se sentir acolhido nessa grande família de “igrejas”, como “comunidade de comunidades”. A multiplicidade e a unidade se encontram, e a diversidade do ser Igreja numa sociedade multicultural concede a cada grupo migrante direito de cidadania eclesial. O local e o global interagem, na medida em que todos contribuem para a comunhão da Igreja, pois em cada grupo local que reza, celebra e pratica sua fé, está presente toda a Igreja Católica.⁷ Na interação entre o missionário e os migrantes existe a possibilidade de uma abertura que conduz à irmandade universal:

⁷ Dornelas & Nassesr, op. cit., 2008, p. 175.

“Por isso a intervenção pastoral deve ser da pessoa do pastor à pessoa da ovelha, porque a fé é um grande compromisso pessoal. A fé por sua natureza é universal: a religião e o culto, a tradição e a ação tendem ao gueto, se não se queimam no fogo da fé. Por isso São Paulo, o grande missionário, é o teólogo da fé.” (p. 69)

Nesse sentido é que Pe. Rubin concede um significado único à eucaristia, e, por conseguinte, ao exercício do sacerdócio, na atuação missionária junto aos migrantes. A catolicidade da Igreja, que reúne cada comunidade local na comunhão da mesma Igreja, de tal maneira que cada uma traz em si a presença do mesmo Cristo, encontra na eucaristia o seu horizonte utópico. Ela espelha a fraternidade que se deseja realizar entre todos os filhos e filhas de Deus, não importa suas diferenças, sua condição de vida. Reunidos em torno da mesa da eucaristia, somos todos peregrinos na instabilidade desse mundo. Os migrantes, quando acolhidos, individualmente e em grupo são um sinal de contradição também nesse sentido: são um apelo à comunhão, a que cada migrante se sinta em casa em cada comunidade cristã em que se encontre. É este o sonho que Pe. Rubin espera encontrar na celebração eucarística:

“A eucaristia é o sacrifício de toda a humanidade, feita em família de Deus. Então, em nossas atividades, deveríamos preparar encontros de oração, reflexões bíblicas, meditações, adoração para os diversos grupos étnicos, locais, geracionais (jovens, estudantes, anciãos, operários, migrantes), porém devemos reservar a celebração universal da missa para todas as pessoas.” (p. 69)

Por fim, Pe. Rubin, a partir do seu contato cotidiano com a fé dos migrantes, nesse horizonte da catolicidade, expõe sua convicção de que os migrantes não são apenas entes passivos, que apenas recebem. Eles têm também uma contribuição ativa, um protagonismo todo especial na missão da Igreja. Relembrando as origens do cristianismo, e como a evangelização dos primeiros séculos se fez por meio dos migrantes, pessoas simples que ganhavam sua vida nas rotas comerciais orientais⁸, Pe. Rubin afirma que eles são “*os primeiros missionários do Evangelho*”. (p. 70-71) Os migrantes missionários, ainda hoje, estão ajudando a difundir o Evangelho nas fronteiras da missão, além de revitalizar a Igreja nos velhos continentes e em grandes cidades. O horizonte da missão, da “missão de Deus” (AG 1-2), no mundo globalizado passa também pelo testemunho cotidiano dos próprios migrantes.

“Iniciar processos”: a herança de Pe. Tarcísio Rubin

Pe. Tarcísio Rubin não deixou muitos seguidores, ou pessoas que seguissem seu estilo muito particular de ser missionário, ou de praticar sua vida espiritual. Apreciado por todos os que o conheceram, direta ou indiretamente, ele ainda é um grande sinal de contradição para a pastoral do migrante, e mesmo para toda a Igreja. A sua memória vem sendo recuperada na medida em que se desenrola um processo de beatificação, a partir da Diocese na qual se encontra o povoado em que faleceu, na província de Jujuy. Porém, se captamos um pouco do valor do seu testemunho, seus questionamentos permanecem vivos ainda hoje, e nos devem fazer repensar, de um lado, a prioridade da pessoa do missionário no meio dos migrantes (ou dos agentes de pastoral, padres, religiosos e leigos), e de outro, as contingências em que se encontra a Igreja e suas estruturas de pastoral.

Assim, há que reconhecer que a proximidade com os migrantes, vivenciar com eles os paradoxos de sua condição, na sociedade e diante de suas instituições, incluindo a Igreja, permanece sendo um grande desafio. Nas palavras do Papa Francisco, eles se encontram em locais que são verdadeiras

⁸ Para um estudo desse fato remetemos aos capítulos iniciais de Bevans, S.; Schroeder, R. *Teologia per la missione oggi. Costanti nel contesto*. Brescia: Queriniana, 2010; e Bosch, D. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1991.

“periferias existenciais”, em que a Igreja é chamada a exercer sua missão. E, na verdade, não existe missão sem missionário, e não pode haver comunicação do Evangelho e seu testemunho sem essa presença viva. Somos alertados por Pe. Rubim que só uma espiritualidade forte, alicerçada no encontro diário com o Cristo e o Evangelho podem garantir a perseverança nessa missão. Esse é um chamado claro a valorizar a formação do missionário no exercício da missão, ao lado de sua vida de comunidade e de oração.

É nesse sentido que podemos dizer que os pensamentos que ele nos deixou são como “sementes”, intuições fecundas. Elas, iluminadas pela Palavra de Deus, assim como por uma prática pastoral e uma espiritualidade peregrina ao lado dos migrantes, podem germinar, e “iniciar processos” de transformação. Assim, constatamos sua atualidade ao perceber como elas podem entreter um diálogo profícuo com o apelo do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG 22). Dessa forma, dizer que os pensamentos de Pe. Rubim podem “iniciar processos” é acreditar que o mais importante está nas possibilidades de um processo de renovação. Encontrá-las e colocá-las em marcha é uma atitude de fé. Embora o Papa não se sirva dessa palavra, é nessa atitude de fé que podemos assumir a “dialética” que constituem as relações sociais, à qual o Pe. Rubim se refere, em que as contradições podem ajudar a trazer à luz a novidade que dá sentido a todo o caminho percorrido. Como o Papa bem deixa a entender, numa perspectiva de fé, essa novidade não é programável. Mas, é justamente no meio do caminho que ela pode se dar a conhecer, na medida em que a Igreja mostra seu rosto missionário no meio dos migrantes, nessa era da globalização.

Algo que Pe. Rubim não diz expressamente, a exemplo de seu amor pelos migrantes ou seu apreço pelos sacerdotes, mas que podemos inferir, é que ele sempre cultivou um grande amor pela Igreja. Nesse sentido, ser “sinal de contradição”, assinalar para a “dialética” da condição do migrante e da própria pastoral, são manifestações desse amor paradoxal, inconformista, que sonha com uma fidelidade mais autêntica da Igreja para com o evangelho de Jesus Cristo, e a sua vocação missionária. Talvez por isso ele tenha remarcado atrás das folhas que nos trouxeram esses pensamentos: “*para ajudar a pegar no sono*”. Para ajudar a sonhar, é preciso depositar essas sementes, essas intuições, na profundidade de nossa consciência, e permitir que no Espírito possamos concretamente “iniciar processos” de transformação evangélica.

O acolhimento, a itinerância e a comunhão na diversidade são, neste caminho, os aspectos específicos que a Igreja nos interpela a testemunhar. A Eucaristia é o alimento de cada passo, o fermento de transformação, a antecipação do futuro de Deus.

Texto básico da *Traditio Scalabriniana*, 4

THE PASTORAL CARE OF MIGRANTS AS DIALECTICS

Comments to the intuitions of Fr Tarcísio Rubin, cs

Fr Sydney Marco Dornelas, cs¹

The memory of Tarcísio Rubin, a Scalabrinian missionary who served in Argentina between 1974 and 1983, is still a source of inspiration and reflection among those dedicated to pastoral work with migrants. He was known for his deep immersion among migrants, especially Bolivians who came periodically to work in northern Argentina, as well as for being a man of prayer and solid spirituality. However, he left very little in writing. In this article, I would like to make some comments from one of his few written texts, in which he expressed his thoughts on the pastoral care of migrants, and which still has a surprising taste of theological novelty. It is a small treasure for those who wish to build a theological thought from missionary and pastoral practice with migrants today and for the future.

Clues to a missiology of Migrant Ministry

Among the few writings left by Fr. Tarcísio Rubin there is a short text in which he presents a set of thoughts on how he perceived the pastoral care of migrants. Fr Rubin wrote it, shortly before his death, after much insistence from Fr. Luciano Baggio, his confrere in the congregation.² This text, as Fr Baggio refers to it, more than a systematic and theoretical study, is a "collection" of thoughts. It is a loose exposition of his intuitions and concerns about the Church's mission among migrants, as well as a mirroring of the "theological" vision of his apostolic life. As it was written without major expectations, he put on the back of it an ironic recommendation: it was to be read before bedtime, "to fall asleep".

Reading this text, we recognize its sensitivity toward migrants, as well as the questions about the attitude of the Church and of pastoral care towards them. Realizing its timeliness, we can say, along with Fr Baggio, that it is his will. In this sense, it is a contribution that can help us identify several clues useful to guide a more mature reflection on the mission of the Pastoral Care of Migrants. They are seeds scattered many years ago, which can still germinate and bear many fruits. Therefore, we would like to make some comments on this text.

(a) The migrant's social condition: a sign of contradiction

Fr Rubin begins his text pointing to the current relevance of the migratory phenomenon, due to its massive dimensions, and its unfolding on several levels: social, religious, Christian. Soon after, he shows his insight into the living condition of migrants:

"The main characteristic of the migrant is to feel "strange" within the mainstream lifestyle, experiencing the psychology of marginalized foreigners in civil and religious society. The same applies to those who live in the homeland among large groups of immigrants, in their customs and lifestyle." (p. 66)

Knowing closely how the migrant inwardly experiences his living condition gives meaning to this insight of Fr. Rubin, who not only practiced the commitment to listening, but also shared with them his feelings, in the places where they lived, moved, and in their moments of family or leisure life. In

¹ Originally published in *Revista Espaços*.

² The text is in Baggio Luciano, *Misionero migrante, P. Tarciso Rubin*, Buenos Aires, CMLA, 1985, pp. 87.

this contact, he perceived the relationship of "strangeness" that they experienced toward the national society, the citizens already established. This is the "characteristic" that accompanies them always in their daily lives. In other words, in their permanent instability, living as "displaced" person in the context of the common "lifestyle", migrants live marginality not only as a social experience; they also internalize it as their living condition.

Maybe because he had that keen sensitivity, Fr Rubin, a missionary among Bolivian temporary migrants in Argentina, goes even further, declaring that alongside the migrant's social "displacement", the ethnic "displacement" should be added: "*So, who knows, perhaps the most marginalized migrant is the American Indian. He shares the continent but has no homeland; he has a face of its own but has no recognized and valued personal identity.*" (p. 66)

Being a strange in his lifestyle, experiencing various levels of displacement in his daily life, the migrant lives in a "permanent temporariness", in the marginal and segregated spaces of society. Coming from other countries to meet a demand for work in the society that receives him, the strangeness of their customs, their beliefs, their language, their religion and their way of life are seen as a nuisance by "nationals". In fact, the presence of the migrant is a real sign of contradiction to the society that welcomes him: he reminds everyone that their well-being is based on the low-paid work of foreign workers; denounces the National State, which guarantees the right of its citizens at the expense of excluding "non-national" workers inserted in its economy. In other words, there is a dialectical relationship, to the extent that the capitalist society, even in times of globalization, in order to constitute itself, needs to uproot and displace³ migrants from other places as to produce the necessary workforce for its existence. The migrant workforce, so displaced and marginalized, much needed in times of prosperity, is very easily rejected and criminalized in times of economic crisis. That rejection in Argentina, at the time of Fr Rubin, was also a way of denying its own essence: "*Latin America is very Latin, and little America; the first term wants to erase the second.*" (p. 66)

Thus, the society of capital and the society of migrants constitute and oppose each other and at the same time one needs the other in order to exist. Therefore, the migrant, without even realizing it, by his own presence, acquires a political relevance. He makes visible a latent contradiction of the national society, by indicating something like a secular form of "heresy" in the face of the "dogma" of citizenship supported by nationality, which finds in the National State its bulwark. The stability of national institutions, their political order and normative framework, which gives a character of normality to everyday life, is confronted with the instability and transience of the lives of migrants, with the unusual characteristics of their life, which break into the national society with their social and cultural demands. The discomfort with their presence is also felt by the institutions of the Catholic Church, which also seeks to frame the social, cultural and religious demands of migrants.

In his reflection, Fr Rubin does not rest too much in the discussion of the condition of the migrants in the capitalist society, but starts from this reality to deal with the points that interest him most, questioning how the Church is addressing the issue:

"In the official documents of the Holy See (*Exsul Familia, Pastoralis Migratorum Cura, Church and Human Mobility*) we always see the effort of a continuous update; one gets the impression that when they are published, they are already old. Why is that? Because each structure needs a certain stability, while migrations are mobile by nature, arise at unforeseen

³ For a deepening on the subject of the migrant's social condition, as a sign of contradiction, and in its meaning Political, we have referred to the reflection made by A. Sayad. Cf. Sayad, A., Return: constitutive element of the immigrant's condition. *Crossing - migrant magazine*, special number, São Paulo: CEM, Jan/2000, pp. 30-32; and also Sayad, A., *L'immigration Or Les paradoxes of l'altérité*. Bruxelles From Boeck-Wesmael, New Year, 1991, pp. 289-311. [trad. Brazilian: Immigration or the paradoxes of otherness. São Paulo, EDUSP, 1998].

times, go through unprepared channels. The migrant breaks down the schemes, is the result of a malformation inherent to the human structure at the service of capitals, of the economy; therefore, pastoral structures must be flexible, mobile if they want to serve the migrants." (p. 68)

The migrant, this "malformation" produced by capitalist society itself, is by his social condition (which appears as a second "nature") an unstable human being, and therefore reacts to his condition of marginality seeking his own paths, through "unforeseen", "unprepared" channels. Consequently, he appears as a sign of contradiction also for the Church, which is similarly based on stability, within the frameworks of nationality, in well-defined territories, and with its own normative codes. Therefore, when the appeal of pastoral charity for migrants comes up, in the eagerness to accompany a constantly changing phenomenon, it is always late. The pastoral structures of the Church are inadequate, out of step with the social condition of migrants.

To enter into dialogue with their demands, the mission with migrants must share with them the same living conditions and be migratory along with them. Dialectically, between the stability of its ecclesial principles, and the mobile, marginal and displaced condition of migrants, pastoral care must also be made mobile, must put itself in the loophole that characterizes the condition of migrants. Thus, the pastoral care of migrants must also become a sign of contradiction. In the exercise of mediations between Church and migrants, pastoral care (and its agents) is positioned in this "betwixt", which is experienced daily by migrants. Fr Rubin understood this very well when he wrote: "*By its nature the apostolate among migrants is dialectical: it has in itself thesis and antithesis. It is necessary to find the synthesis. In working with migrants, the extremes touch themselves.*" (p. 66)

b) "The centrality of the pastor"

We emphasize from the beginning the great concern of Fr. Rubin for the spirituality lived by the missionaries sent to the migrants. A spirituality that he himself sought to embody every day, in his pilgrimages, in the missionary presence with the migrants. In view of it, he sought to relativize all the pastoral and formative structures of the Church:

"You have to share the adventure of walking in the desert. Structures, programs are sedentary by nature, made in offices, written in books, discussed in meetings, sessions, congresses. We often talk about migrants and rarely with migrants." (p. 67)

The critical element of ecclesial structures, what can relativize them, is one's mission experience, lived concretely.⁴ What gives authority to the word "pastoral care of migrants" is listening and interacting with the migrants themselves. To take this orientation is to opt for the indefinite, for instability, for the provisional proper to the world of migrants, a great unknown to pastoral care itself. It's really an "adventure" in the "desert." From this experience Fr Rubin continues his criticism of the ways in which the Migrant's Pastoral Care is organized, deepening the meaning of "dialectic" in pastoral care:

"The structures of pastoral care are based on the ethnic group, which creates closed communities, ghettos, a racist spirit, in rejection of other groups. Favoring the use of its own language and its own customs should be a Pentecostal symphony but is often reduced to a tower of Babel. The territorial parish and also the 'mission with care of souls' nourish in themselves the contradiction: they are structures made for residents. You can't make a car to

⁴ Pope Francis expresses this same thought in a speech delivered at the meeting with CELAM delegates on the occasion of the WYD in Rio de Janeiro on 28 July 2013.

stand still, or an armchair to run. How to overcome this dialectic of thesis and antithesis? How do you put the two extremes together?" (p. 67)

Considering the limitations of the structures normally recognized for pastoral work with migrants (personal parish and community with healing of souls)⁵, Fr Rubin shows how they tend towards stability, favoring the stabilization of migrants and contradictorily nurture the worst among them, and against them: the ghetto, the closed groups, prejudices, xenophobia against other migrants (and even against natives). How to get out of this trap and make migrants see themselves as Church in their experience of faith, and the Church recognize herself in the faith experience of migrants? What is the way to the synthesis of this dialectic inherent to the pastoral care of migrants?

Fr Rubin has no doubts, everything goes through the shepherd's heart:

"The simplest pastoral manual is the discourse of the Good Shepherd. The shepherd gives his life for his sheep. In the desert of Judah, the sheep without a shepherd dies, because it does not know where to seek food and water. The shepherd without the sheep dies because he has no other source of food. The same applies to the migrant sheep. Without the priest's love they die. The migrant seeks a job as a worker but seeks love as a man. The missionary who gives things and not a heart dies as a missionary; things, structures must bring strength to the heart. The organization of pastoral work among migrants must consider the formation and weakness of the missionary" (p. 70)

We can say that through the testimony of his life, the missionary inserted among migrants, who is impregnated with the "smell of the sheep" (Pope Francis), is one who in the encounter with them can truly bring about a "locus theologicus".⁶ It is the missionary who, through his interaction, can help reconcile what is contradictory, and seems hopelessly displaced, between the Church and migrants. He then becomes a mediation agent, by exercising dialogue and reconciliation, translating different languages, routines, procedures and customs, making it easier for the "new" to emerge in this interaction. Finally, he finds himself in a "seminal place", and so can lead to the creation of "synthesis", to which Fr Rubin points out. All this, of course, on the condition that the missionary is willing to endure the vicissitudes of the social place in which he is: "*Migrants are a setback as people to civil society. Missionaries are a setback for the ecclesiastical society: they disrupt the territorial, legal schemes.*" (p. 70)

Thus, at the center of all pastoral care is the person of the missionary, in particular the priest, as Fr Rubin liked to emphasize. He did not lose sight of the view that the evangelizer is not first a social worker, or a cultural mediator, or a political or community advisor. The evangelizer is the bearer of a message, the Gospel's message, and it is in view of it that there is a Church's mission. If the missionary's simplest manual is the passage of the Good Shepherd in the gospel of John, Fr Rubin mentions another important manual, in view of the missionary nature of the Pastoral Care of Migrants:

"Perhaps the best handbook for the pastoral care of migrants is *Evangelii Nuntiandi*, because, like the missionary among pagans, the missionary of migrants is not at the service of migrants, but of the message (...) That is, the main problem of the pastoral care of migrants is not the migrants, nor pastoral care, but the pastor." (p. 68)

⁵ For an explanation of the canonical recognition of these pastoral structures, Cf. De Paolis V., *La pastorale dei migranti nelle direttive della Chiesa. People on the Moves*, n.54, 1989, p. 33-114; De Paolis, V., *La pastorale dei migranti e le sue strutture secondo i documenti della Chiesa. People on the Moves*, n.87, 2001, p. 133-170.

⁶ The elements of reflection developed here on the theological significance of the pastoral care of migrants, and of the missionary as a mediation agent, are elaborated further in Dornelas, S.M.; Nasser, A.C.A. *Migrant Pastoral Ministry: relations and mediations*. São Paulo: Loyola/CEM, 2008, pp. 235ss.

In other words, in the exercise of missionary mediation among migrants the Church's own mission is at stake, its reason for existing. At this point, thinking about the renewal of the whole Church, starting from the current mission to migrants, Fr. Rubin seeks to take a glimpse into a broader horizon: that of the Catholicity of the Church.

c) The horizon of catholicity

Always bearing in mind the missionary's place within the pastoral structures of the Church, Fr Rubin does not lose sight of the fact that the migrant's pastoral care, as well as his pastoral agent, are inserted in the evangelizing task of the whole Church. Therefore, it is not only a question of meeting the demands of migrants, but of walking together as a Catholic Church:

"The greatest danger of pastoral structure in all fields is the ghetto, the closing in within the parish, ethnic, religious group. We risk being like the priest of the parable: he did not stop on the road to Jericho, because the wounded were not from his parish, his ethnic community, his nation (...) The problem is not to move from a parish group to an ethnic group, but to move from a human group to the whole humanity. The hardest thing is not being church, but being Catholic Church, being universal." (p. 69)

The mediation exercise which the missionary among migrants is called to carry out has meaning if it opens up to the Catholicity of the Church. Since he is a sign of contradiction, because of his insertion among migrants, he prophetically witnesses the most genuine sense of being Church in today's world. A sense that has proved even more pertinent in the era of globalization, in which we are all pressured by the shortening of the distance of the references of time and space, by the immediate connection in real time, by the ease of displacements, finally, by the polarization between the local and the global. Migrants too are a sign of contradiction, a living call to break down barriers and open up to universality:

"The migrant is a provocation to universality. Those who walk, break the established borders, leave on one side many particular things and want to feel at home in each region, because the land is the homeland of all." (p. 67)

Thus, the missionary among migrants also works to reaffirm in new forms the catholicity of the Church. In every migrant community or group, which genuinely lives its faith, in its social condition, the whole Church can recognize itself as such. In the same way, each migrant group or community can thus feel welcomed in the large family of "churches", as "community of communities". Multiplicity and unity meet, and the diversity of being a Church in a multicultural society grants each migrant group the right of ecclesial citizenship. The local and the global interact, as everyone contributes to the communion of the Church, for in every local group that prays, celebrates and practices its faith, the whole Catholic Church is present.⁷ In the interaction between the missionary and migrants there is the possibility of an openness that leads to universal brotherhood:

"For this reason, pastoral intervention must flow from the person of the pastor to the person of the sheep, because faith is a great personal commitment. Faith by its nature is universal: religion and worship, tradition and action tend to the ghetto if they do not burn in the fire of faith. That's why St. Paul, the great missionary, is the theologian of faith." (p. 69)

In that sense, Fr Rubin, in missionary action with migrants, grants a unique meaning to the Eucharist, and therefore to the exercise of priesthood. The catholicity of the Church, which brings together each local community in the communion of the same Church, in such a way that each one brings in himself the presence of the same Christ, finds in the Eucharist its utopian horizon. It

⁷ Dornelas & Nassesr, op. cit., 2008, p. 175.

mirrors the brotherhood that all desire to see fulfilled among all the sons and daughters of God, no matter their differences, their condition of life. Gathered around the table of the Eucharist, we are all pilgrims in the instability of this world. Migrants, when welcomed, individually and in groups, are a sign of contradiction also in this sense: they are a call to communion, a call for each migrant to feel at home in every Christian community in which he is. This is the dream that Fr Rubin hopes to find in the Eucharistic celebration:

"The Eucharist is the sacrifice of all mankind, made within God's family. So in our activities, we should prepare prayer meetings, biblical reflections, meditations, worship for the various ethnic, local, generational groups (young, students, elders, workers, migrants), but we must reserve the celebration of the mass for all people." (p. 69)

Finally, Fr Rubin, from his daily contact with the faith of migrants, in this horizon of catholicity, manifests his conviction that migrants are not only passive entities, who only receive. They also have an active contribution to give, an all-special role in the Church's mission. Recalling the origins of Christianity, and how the evangelization of the first centuries was made through migrants,⁸ simple people who earned their lives on eastern trade routes, Fr Rubin states that they are "*the first missionaries of the Gospel*". (p. 70-71) Missionary migrants are still helping to spread the Gospel at the borders of mission, as well as revitalizing the Church in old continents and in large cities. The horizon of mission, of the "mission of God" (AG 1-2), in the globalized world also involves the daily witness of the migrants themselves.

"Starting processes": The inheritance of Fr Tarcisio Rubin

Fr Tarcisio Rubin did not leave many followers, people who continued his very peculiar style of being a missionary or practicing his spiritual life. Appreciated by all who knew him, directly or indirectly, he is still a great sign of contradiction to the migrant's pastoral care, and even for the whole Church. His memory is being recovered as a process of beatification unfolds, from the Diocese in which the village here he died in Jujuy province is located. However, if we capture some of the value of his testimony, his questions remain alive today, and should make us rethink, on the one hand, the priority of the person of the missionary among migrants (or of pastoral agents, priests, religious and lay people), and, on the other hand, of contingencies in which the Church is located and her pastoral structures.

Thus, it must be acknowledged that proximity to migrants, to experience with them the paradoxes of their condition, in society and before their institutions, including the Church, remains a great challenge. In the words of Pope Francis, they find themselves in places that are true "existential peripheries", in which the Church is called to exercise its mission. And in fact, there is no mission without missionary, and there can be no communication of the Gospel and its testimony without this living presence. We are alerted by Fr. Rubin that only a strong spirituality, based on the daily encounter with Christ and the Gospel, can guarantee perseverance in this mission. This is a clear call to value the missionary's formation in the exercise of mission, alongside his community and prayer life.

It is in this sense that we can say that the thoughts he left us are like "seeds", fruitful intuitions. Enlightened by the Word of God, as well as by a pastoral practice and a pilgrim spirituality alongside migrants, they can germinate, and "initiate processes" of transformation. Thus, we see their timeliness when realizing how they can entertain a fruitful dialogue with Pope Francis' appeal in *Evangelii Gaudium* (EG 22). That way, to say that Fr Rubin's thoughts can "start

⁸ For a study of this aspect we refer to the initial chapters of Bevens, S.; Schroeder, R. *Teologia per la missione oggi. Costanti nel contesto*. Brescia: Queriniana, 2010; and Bosch, D. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1991.

processes" is to believe that the most important thing is in the possibilities of a renewal process. Finding them and putting them in motion is an attitude of faith. Although the Pope does not use this word, it is in this attitude of faith that we can assume the "dialectic" that constitute the social relations, to which Fr Rubin refers, in which contradictions can help bring to light the novelty that gives meaning to the way already traveled. As the Pope makes it very clear, from a perspective of faith, this novelty is not programmable but it is right in the middle of the path that it can make itself known, as the Church shows her missionary face among migrants in this age of globalization.

Something that Fr Rubin does not expressly say, for example his love for migrants or his appreciation for priests, but that we can infer, is that he has always cultivated a great love for the Church. In this sense, being a "sign of contradiction", pointing to the "dialectic" of the migrant's condition and of one's own pastoral care, are manifestations of this paradoxical, nonconformist love, which dreams of a more authentic fidelity of the Church to the gospel of Jesus Christ and his missionary vocation. Perhaps that's why he remarked behind the pages that brought us these thoughts: "*to help fall asleep*". To help dream, we must deposit these seeds, these intuitions, in the depth of our consciousness, and allow in the Spirit to concretely "initiate processes" of evangelical transformation.

Welcoming, roaming and communion in diversity are, on this path, the specific aspects that the Church challenges us to witness. The Eucharist is the food of every step, the leaven of transformation, the anticipation of God's future.

Base text: *Traditio Scalabriniana*, 4

NAS PEGADAS DE JESUS ITINERANTE

Ir. Sandra Maria Pinheiro, mscs

No presente artigo faremos uma reflexão sobre o seguimento de Jesus Itinerante, desde a experiência de vida religiosa scalabriniana, fundamentada na missão e carisma de serviço aos migrantes e refugiados, buscando aprofundar o sentido deste chamado na vivência da itinerância, como proposta de um caminho vocacional ao qual as missionárias scalabrinianas estão chamadas a assumir, desde sua vocação de consagração religiosa, como discípulas e missionárias.

Desde que nascemos iniciamos nossa peregrinação, isto é, nossa caminhada neste mundo. A vida é dinâmica e está em constante movimento. Um caminho não é percorrido só no sentido geográfico, mas também, como processo a ser feito nos diversos aspectos humano, psicológico, espiritual e missionário. Vivemos num mundo em constante mobilidade, de mudanças frequentes, de liquidez e grandes transformações, sejam estas científicas, tecnológicas ou de mentalidade. Somos seres em transformação, diacrônicos, em constante evolução desde os tempos do passado, no presente e, em relação ao futuro.

Neste contexto, o conceito de "itinerância" aplica-se aqui como capacidade de saída de si em relação ao outro(a), no sentido de capacidade de superação do egocentrismo, do egoísmo e da falta de amor" para colocar-se a serviço do irmão e irmã de caminhada. A pessoa humana é por natureza peregrina, um ser em itinerância, em caminho, em busca do futuro que está por vir, em todas as dimensões de sua vida. Nossa vida humana é uma constante itinerância, como uma peregrinação essencial do "eu" em relação a "Deus", aos "outros", ao "mundo" e diante de "si mesmo". Esta tensão peregrinante, itinerante, constitui a realidade histórica pessoal, comunitária e social de cada Irmã Missionária Scalabriniana.

Portanto, podemos dizer que a vocação humana é uma vocação a caminho, pois, está centrada totalmente em Cristo, que se fez caminho ao sair do Pai, e ao fazer-se homem para assumir nossa condição humana. Em Jesus Cristo Itinerante, toda a vida cristã está chamada a ser uma vida em caminho, em êxodo e, à luz do caminho, se dirige indistintamente a todas pessoas chamadas à salvação em Cristo.

No Seguimento de Jesus Itinerante

No mistério da encarnação Jesus Cristo é o Peregrino por excelência. Fez-se homem e viveu a itinerância da existência humana. Estabeleceu sua tenda entre os homens e assim viveu na condição de peregrino sem ter onde reclinar a cabeça (Mt 8,20). Cristo se faz migrante com o povo de Deus peregrino que caminha hoje sem rumo em busca de melhores condições de vida.

O seguimento de Cristo exige que a Irmã Missionária Scalabriniana se "*faça migrante com os migrantes*", sem ter morada fixa, indo ao encontro destes irmãos e irmãs, acompanhando-os em sua caminhada em busca da terra prometida que, em sua grande maioria, é simbolizada atualmente na busca dos países do hemisfério norte, vistos como a terra prometida dos tempos modernos. Na oferta total e absoluta de suas vidas "deixa pátria e todo o demais" para fazer a

vontade do Pai, no serviço aos migrantes e refugiados, colocando-se em situação de itinerância e condição de peregrina para ir ao encontro do outro(a).

“Fazer-se migrante com os migrantes” para levar-lhes a Boa Nova de Jesus Cristo faz parte do projeto sócio-pastoral da Congregação desde sua fundação. Para Scalabrini esta é uma das características fundamentais para seus missionários que se dispõem a seguir o Cristo peregrino e itinerante na Congregação.

A Irmã Scalabriniana para realizar uma pastoral adequada vive em atitude de itinerância e de migração voluntária: deixa sua terra, se coloca a caminho na condição de peregrina para assim, ser capaz de compreender, acompanhar e compartilhar com os migrantes seu projeto de vida, para que estes sejam protagonistas de sua história.

“Em sua ação missionária, a Irmã Missionária de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, força feminina e sinal de esperança no mundo das migrações, empenha-se no anúncio do Evangelho, no testemunho de vida, na enculturação do carisma nos diferentes contextos, na acolhida ao migrante, valorizando-o como protagonista de comunhão entre os povos”¹.

As primeiras Irmãs deixaram pátria, família, amigos, cultura... para atender aos menores de seus irmãos e irmãs migrantes, sobretudo, os órfãos e doentes, aos quais Cristo prometeu seu Reino. Portanto, hoje também, as Missionárias Scalabrinianas estão chamadas a identificar-se com Cristo Migrante, revelando seu rosto aos irmãos e irmãs migrantes, e ao mesmo tempo, descobrindo a pessoa de Jesus Cristo entre eles (Mt 25,25), construindo a fraternidade entre a diversidade cultural, e acompanhando-os como povo de Deus, dos novos tempos, marcados também pela injustiça, exclusão e discriminação. Ao *“fazer-se migrante com os migrantes”*, a Missionária Scalabriniana anuncia a Boa Nova de Jesus Cristo, marca presença concreta entre os migrantes e refugiados para que estes se sintam apoiados em sua caminhada, e em seu novo projeto de vida.

O espírito de uma Congregação missionária comporta em si mesma as características dos destinatários de sua missão. Neste caso, o rosto de Cristo revelado por seus membros, com o tempo, assume as aparências das pessoas para as quais elas se consagraram. Sendo assim, um dos fundamentos da vocação à vida religiosa scalabriniana é seu chamado para revelar o amor de Deus às pessoas migrantes e refugiadas, manifestado através de características específicas da pessoa de Jesus Cristo: *“A origem da missão é o amor de Deus, e o seu fim é revelar a todas pessoas este amor que se manifesta em Cristo Jesus, por meio do Espírito Santo. Por dom e graça a Irmã Scalabriniana testemunha entre os migrantes este kerigma”².*

Chamadas a viver o carisma da Congregação, dom do Espírito Santo doado à Igreja para sua edificação, através do Fundador e Cofundadores, as Missionárias Scalabrinianas são interpeladas a viver a acolhida, a solidariedade e a assumir a itinerância apostólica sendo *“migrante com os migrantes”* e, a testemunhar a comunhão na diversidade. *“Este dom carismático imprime um estilo peculiar de santificação e de apostolado, torna-nos capazes de contemplar as migrações na ótica da fé e de ver nos migrantes a imagem de Cristo Peregrino: “Eu era estrangeiro e vocês me acolheram”³.*

¹ Constituições MSCS, n. 6.

² Ibidem, n. 111.

³ Ibidem, n. 3.

A missão apostólica das Missionárias Scalabrinianas se caracteriza pelo espírito de serviço e de doação aos migrantes, inspirada na pessoa de Jesus Cristo Peregrino, em São Carlos Borromeo, no Fundador e Cofundadores que, ao anunciar a Boa Nova, tornam presente o Reino de Deus entre os migrantes. Esta afirmação indica que a vivência da itinerância é uma atitude interior adquirida, pouco a pouco na vivência da religiosa scalabriniana, o que caracteriza o seu ser e atuar no acompanhamento dos migrantes que buscam melhores condições de vida em terras distantes, e ali entregam suas vidas “*para que todos tenham vida, e a tenham em abundância*” (Jo 10,10), assumindo as exigências de despojamento interior, deixando de lado tudo o que impede de realizar sua caminhada espiritual e missionária.

“*Ser migrante com os migrantes*” significa passar de uma missão de imobilidade e repetição, à uma missão de agilidade e de criatividade, ajudando a criar e desenvolver projetos de vida para os migrantes e refugiados. A religiosa scalabriniana, mãe e irmã daqueles que estão a caminho, cultiva em sua vida os traços que caracterizam sua presença missionária entre os destinatários. Por tanto, podemos afirmar que algumas características da Missionária Scalabriniana à luz de Cristo Itinerante são:

- **A Missionária que se faz presente:**

Nosso Deus é o Deus Emanuel, o Deus conosco que está presente, aquele que coloca sua tenda e seu olhar sobre nós. Aquele que assumiu nossa condição humana para caminhar junto com o seu povo. Como religiosas consagradas, a scalabriniana está chamada a ser peregrina com os peregrinos, no compromisso e atitude de se fazer caminho junto ao povo migrante. Por isso, a exigência de sair de si mesmas é uma realidade para aquela que consagrou sua vida a Deus na Congregação Scalabriniana. Não só para caminhar ao lado do povo migrante, mas sobretudo, para apoiá-los em suas lutas, conquistas e adversidades em suas rotas migratórias. Trata-se de “estar junto” de maneira profética, “sendo presença consagrada” como o Senhor foi referência para o caminhar dos discípulos de Emaús.

“A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Com Jesus Cristo sempre nasce e renasce a alegria”⁴. “Os religiosos seguem o Senhor de maneira especial, de modo profético. Espero de vós este testemunho. Os religiosos devem ser homens e mulheres capazes de despertar o mundo. Na finitude humana, no limite, no afã cotidiano, os consagrados e as consagradas vivem a fidelidade, dando razão da alegria que habita neles, tornando-se testemunho esplêndido, anúncio eficaz, companhia e proximidade para mulheres e homens que juntos habitam a história e buscam a Igreja como casa paterna”⁵.

- **A Missionária que sai ao encontro dos peregrinos**

As Missionárias Scalabrinianas são chamadas a sair ao encontro do “outro(a)”; a compartilhar sua história, suas tristezas e esperanças como fez o próprio Jesus no caminho a Emaús. Chamadas a respeitar a religiosidade, as diversidades étnicas, culturais e de credo. Desde o “outro”, desde o próximo ferido, o Senhor as interpela a sair de si mesmas, do egocentrismo em vista do bem do irmão e irmã migrantes e refugiados. Na população migrante que está a caminho, a scalabriniana encontra o próximo mais necessitado de ajuda, de solidariedade e de acolhida, como apresenta o Evangelho do Bom Samaritano (Lc 10,25-37). São os valores do

⁴ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, n. 1.

⁵ *Ibidem*, n. 47.

próprio Evangelho que as animam a assumir os compromissos a favor dos destinatários desta missão e de “estar a caminho com”.

Acompanhar os irmãos migrantes as coloca em situação de privilégio exigente. Acompanhar suas angustias e suas lutas por uma vida mais humana e digna é um desafio para ampliar sua capacidade de amar, de saída de si mesmas, porque “o amor de Cristo as impele para que não vivam para si mesmas” (II Cor 5,14), como testemunhou o Pe. José Marchetti, o mártir da caridade, ao entregar sua vida a favor dos irmãos migrantes: “*Consagro a vós e ao meu próximo todas as forças físicas e morais de meu corpo. Para melhor corresponder à alta missão que me foi confiada, por vossa misericórdia, pelo voto de caridade anteporei tudo a meu próximo por vosso amor...*”⁶.

- **A Missionária que acolhe**

Jesus acolhe Madalena, a Samaritana, a menina que ressuscita, a Judas o traidor, a Zaqueu o pecador. Acolhe com especial amor às crianças, aos abandonados, os pecadores, e os mais frágeis: as mulheres, os leprosos, os excluídos. Acolhe em suas horas de glória e na hora da cruz. Ele é sempre acolhedor e solidários com aqueles que necessitam. Madre Assunta Marchetti também soube encarnar muito bem esta atitude de acolhida e solidariedade: “*Seu ardente amor a Deus se expressava através do seu zelo apostólico, de seu amor aos pequenos, aos sofredores e aos migrantes...*”⁷.

Assim, a Missionária Scalabriniana no seguimento a Jesus Cristo é chamada a acolher a todos, e não só aos “limpos”, aos “bons” ou aos que tem um “rosto bonito” ou aqueles que são agradáveis aos olhos. Embora seja incompreensível para muitos, com o amor do Pai misericordioso, a Missionária Scalabriniana acolhe aqueles que o mundo marginaliza, explora e exclui no contexto atual das migrações, sendo comunhão na diversidade e respeitando as diferenças de cultura, de religião e de etnias.

Conforme o Papa Francisco, acolher significa, antes de tudo, trabalhar para que hajam políticas públicas que possam - oferecer a migrantes e refugiados possibilidades mais amplas de entrada segura e legal nos países de destino, - empenhar-se para incrementar e simplificar a concessão de vistos humanitários e para a reunificação familiar dos migrantes; - oferecer a migrantes e refugiados um primeiro alojamento adequado e decente, facilitando o encontro pessoal, e uma qualidade de serviços que lhes dê segurança pessoal e acesso aos serviços básicos nos países de acolhida⁸.

- **A Missionária que acompanha**

Outro traço próprio da missionariedade scalabriniana é aquele de acompanhar ao longo da vida às pessoas e às comunidades, ajudando-as a engendrar ao longo de sua caminhada seu projeto de vida nova. A missionária não se acomoda ao longo da caminhada, mas acompanha, dialoga, apoia os projetos de vida que conduzem à conquista de uma vida mais digna e justa. Acompanhar é “permanecer no amor” (Jo 15,1ss), significa simplesmente confiar, crer, esperar, estar atentas ao tempo de Deus para cada um, para que possam compreender os mistérios do próprio Deus que se faz presente em sua rota migratória, quase sempre, cheia de dores e sofrimentos. Conforme o Papa Francisco, a alegria dos religiosos nasce da gratuidade do

⁶ Liturgia Ano Jubilar. Centenário MSCS, pág. 68.

⁷ Boletim *Madre Assunta Marchetti*, n. 35, pág. 2.

⁸ Mensagem para o Dia Mundial dos Migrantes, 2018.

encontro, da capacidade de se colocar a serviço, e de não fechar o coração, mas de abri-lo a serviço dos irmãos e irmãs. Ele exorta aos consagrados a “sair do ninho”, para morar na vida dos homens e das mulheres de nosso tempo, e a entregar-se a Deus e ao próximo.

Somos chamados a fazer um êxodo de nós mesmos num caminho de adoração e serviço. Sair pela porta afora para procurar e encontrar. Tenham a coragem de ir contra a corrente desta cultura eficientista, dessa cultura do descartê. O encontro e o acolhimento de todos, a solidariedade e a fraternidade, são elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana. Ser servidores da comunhão e da cultura do encontro. Quero vocês quase obsessivos neste aspecto! E fazê-lo sem ser presunçosos”⁹.

- **A Missionária que anuncia**

A presença, o acompanhamento e a acolhida convocam também à oração e ao anúncio da Boa Notícia:

“O encontro com o Senhor nos coloca em movimento, nos impele a sair da autorreferencialidade. A relação com o Senhor não é estática, nem intimista: ‘quem coloca Cristo no centro da sua vida descentraliza-se! Quanto mais te unes a Jesus e ele se torna o centro da tua vida, tanto mais ele te faz sair de ti mesmo, te descentraliza e abre aos outros’. Não estamos no centro, estamos por assim dizer, deslocados, estamos a serviço de Cristo e da Igreja”¹⁰.

A oração é um mistério inesgotável. Sempre traz mais graças sobre quem suplica e quem recebe as graças da súplica. É dessas realidades que, só quem mais caminha e exercita, mais descobre seu sentido. É um dom do Espírito de Deus. Por isso, deve-se dela aproximar em total silêncio, com humildade, recolhimento, amor, e com todos nossos sentidos abertos e despertos. O importante é orar, não deixar de orar, crescer em oração, perseverar, embora nos dias que o trabalho pese, pois, é a oração que sustenta a Missionária em sua ação e, só assim, poderá transmitir sua experiência de Deus, desde sua própria existência e no anúncio da Boa Nova, “fazendo-se caminho para quem caminha, em busca de um novo horizonte de vida”.

*“Não tenhais medo de mostrar a alegria de ter respondido à chamada do Senhor, à sua escolha de amor e de testemunhar o seu Evangelho no serviço à Igreja. E a alegria, a verdadeira alegria, é contagiosa; contagia... faz ir em frente!... A Igreja deve ser atraente. **Despertai o mundo!** Sede testemunhas de um modo diferente de fazer, de agir, de viver! É possível viver de maneira diferente neste mundo... Eu espero de vós este testemunho”¹¹.*

- **A Missionária que leva o abraço de Deus**

Nos tempos atuais, o Papa Francisco tem recordado aos consagrados e às consagradas sua missão de ajudar ao povo de Deus a encontrar o Senhor que nos consola como uma mãe e a consolar o povo de Deus. No caminho de Emaús, como Jesus com os discípulos, acolhamos na companhia diária as alegrias e as dores das pessoas, dando “calor ao coração”, enquanto acolhemos com

⁹ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *Alegrai-vos*, n. 10.

¹⁰ *Ibidem*, n. 5.

¹¹ *Ibidem*, n. 10.

ternura os cansados e os fracos, a fim de que a caminhada comum tenha em Cristo luz e significado:

“Hoje as pessoas precisam certamente de palavras, mas sobretudo têm necessidade de que testemunhemos a misericórdia, a ternura do Senhor, que aquece o coração, desperta a esperança, atrai para o bem. A alegria de levar a consolação de Deus”.

Conclusão

A vocação humana, cristã e religiosa da Missionária Scalabriniana está centrada na espiritualidade do caminho, e na pessoa de Cristo Itinerante, como uma vida em caminho, êxodo, e itinerância à luz da salvação de Cristo, destinada a todas pessoas.

Em Cristo Itinerante encontramos um sentido pleno desta caminhada para Deus. Com Cristo vamos percorrendo o nosso caminho, nossa peregrinação rumo à pátria definitiva, na qual se realizará a reunião de todos os eleitos entorno do Cordeiro. Cristo é o único caminho que nos conduz ao Pai. Só Ele nos pode ensinar o verdadeiro sentido de nossa peregrinação e itinerância neste mundo. Todos os cristãos e, por conseguinte, as Missionárias Scalabrinianas estão chamadas a uma tarefa básica e urgente: *aproximar-se, inculturar-se, inserir-se entre os migrantes mais pobres e necessitados*, criando comunhão e fraternidade, para que ninguém se sinta migrante neste mundo, pois:

“Cada forasteiro que bate à nossa porta é ocasião de encontro com Jesus Cristo, que Se identifica com o forasteiro acolhido ou rejeitado de cada época. O Senhor confia ao amor materno da Igreja cada ser humano forçado a deixar a sua pátria à procura de um futuro melhor. Esta solicitude deve expressar-se, de maneira concreta, nas várias etapas da experiência migratória: desde a partida e a travessia até à chegada e ao regresso. Trata-se de uma grande responsabilidade que a Igreja deseja partilhar com todos os crentes e as pessoas de boa vontade, que são chamados a dar resposta aos numerosos desafios colocados pelas migrações contemporâneas com generosidade, prontidão, sabedoria e clarividência, cada qual segundo as suas possibilidades... numa resposta comum que poderia articular-se entorno de quatro verbos fundados sobre os princípios da doutrina da Igreja: acolher, proteger, promover e integrar”¹².

A vida cristã é uma proposta de “caminho”, como mandato de Deus, de um Deus que nos conduz à terra prometida. O caminho se faz ao caminhar, não podemos estar sentadas, sedentárias... Caminhar significa levar continuamente conosco, sem deixar atrás, o objeto de nossa própria esperança, acreditando que somos conduzidos por Deus rumo à terra onde mana leite e mel, onde não haverá escassez de pão (Dt 8,7-10), em que todos os caminhos, por sinuosos que sejam nos levarão até Deus (Dt 2,1).

Que Maria, Mãe do caminho e da esperança por excelência, nos ajude a empreender a cada dia, uma nova peregrinação em direção ao outro(a), para oferecer ao Filho - migrante e missionário do Pai – atitudes de proximidade, de itinerância e disponibilidade para o serviço aos irmãos e irmãs migrantes e refugiados.

¹² Mensagem Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados, 2018.

“O cumprimento definitivo do encontro entre Deus e a humanidade, acontecido em Jesus, homem universal, nos impulsiona a caminhar como Igreja peregrina entre os homens e as mulheres das sociedades multiculturais de hoje e a anunciar-lhes o mistério da comunhão trinitária, pelo qual o diálogo entre o Pai, Filho e Espírito Santo se apresenta a nós como possibilidade e modelo de toda relação. O acolhimento, a itinerância e a comunhão na diversidade são, neste caminho, os aspectos específicos que a Igreja nos interpela a testemunhar...”

Texto básico da *Traditio Scalabriniana*, 4

IN THE FOOTSTEPS OF THE ITINERANT JESUS

Sr. Sandra Maria Pinheiro, mscs

In the present article, we will reflect on the *following of the Itinerant Jesus*, from the perspective of the Scalabrinian religious life, which is based on the mission and charism of service to migrants and refugees. We will seek to deepen the meaning of this call through the experience of itinerancy, as a proposal of a vocational journey which the Scalabrinian missionaries are called to embrace as disciples and missionaries because of their religious consecration.

From the moment of our birth, we begin our pilgrimage, that is, our journey in this world. Life is dynamic and in constant transformation. A journey does not refer only to space movement, but also to a process to be done in the different human, psychological, spiritual and missionary aspects. We live in a world of constant mobility, of frequent changes, of fluidity and significant transformations, whether they are scientific, technological or of mentality. We are human beings in transformation, diachronic, in constant evolution from the past into the present and in relation to the future.

In this context, the concept of "Itinerancy" applies here as capacity. It means stepping out of oneself in relation to the other, in the sense of being able to overcome egocentrism, selfishness and lack of love to place oneself at the service of the brother and sister in the journey. The human person is by its very nature a pilgrim. It is being in itinerancy, on his/her way, in search of the future that is to come, in all the dimensions of his or her life. Our human life is a constant itinerancy, like an essential pilgrimage of the "I" in relation to "God", to "others", to "the world" and even before to "oneself". This pilgrim and itinerant tension constitutes the personal, communitarian and social-historical reality of each Scalabrinian Missionary Sister.

Therefore, we can say that the human vocation is a vocation to journey because it is totally centered in Christ, who made himself the way by leaving his Father and becoming a man to assume our human condition. In the Itinerant Jesus Christ, the whole Christian life is called to be a life on the journey, it is an exodus, and, in the light of the journey, the call is addressed indiscriminately to all persons called to salvation in Christ.

Following the Itinerant Jesus

In the mystery of incarnation, Jesus Christ is the Pilgrim par excellence. He became man and lived the itinerancy of human existence. He pitched his tent among men and thus lived in the condition of a pilgrim without having a place to lay his head (Mt 8:20). Christ becomes a migrant with the people of God who are pilgrims, nowadays, with no direction, in search of better living conditions.

The following of Christ demands that the Scalabrinian Missionary Sister "*becomes a migrant with the migrants*", without having a fixed abode, going to the encounter of brothers and sisters, accompanying them on their journey in search of the promised land which, for the vast

majority, is currently symbolized by a quest for the countries of the northern hemisphere, seen as the promised land of modern times. In the total and absolute offering of their lives, the Scalabrinian sisters "abandon their homeland and all the rest" to do the will of the Father, in the service of migrants and refugees, placing themselves in a situation of itinerancy and a pilgrim condition to meet the others.

"To become migrant with the migrants" to bring them the Good News of Jesus Christ is part of the socio-pastoral project of the Congregation since its foundation. For Scalabrini, this is one of the fundamental characteristics for his missionaries who are ready to follow the pilgrim and itinerant Christ in the Congregation.

The Scalabrinian Sister, in order to carry out an adequate pastoral work lives an attitude of itinerancy and voluntary migration: she abandons her homeland, sets out on a journey in the condition of a pilgrim so as to be able to understand, accompany and share with the migrants their life project, and consequently they may be protagonists in their history.

"In her missionary action, the Missionary Sister of St. Charles Borromeo, Scalabrinians, feminine force and sign of hope in the world of migrations, commits herself to the proclamation of the Gospel, to life witness, to the inculturation of the charism in different contexts, to the welcoming of the migrant, valuing him/her as the protagonist of communion among peoples"¹.

The first Sisters left their homeland, family, friends, culture... to care for the children of their migrant brothers and sisters, above all, the orphans and the sick, to whom Christ promised his Kingdom. Therefore, today also the Scalabrinian Missionaries are called to identify themselves with Christ the Migrant, revealing his face to their migrant brothers and sisters, and at the same time discovering the person of Jesus Christ among them (Mt 25:25), building fraternity between cultural diversity, and accompanying them as people of God, people of the new times, marked also by injustice, exclusion and discrimination. By *"becoming a migrant with migrants"*, the Scalabrinian Missionary announces the Good News of Jesus Christ, she becomes a concrete presence among migrants and refugees so that they feel supported in their journey and their new life project.

The spirit of a missionary Congregation embodies the characteristics of the beneficiaries of its mission. In this case, the face of Christ revealed through its members, assumes with time the appearances of the persons to whom they have consecrated themselves. Thus, one of the foundations of the vocation to the Scalabrinian religious life is its call to reveal God's love for migrants and refugees, manifested through the specific traits of the person of Jesus Christ: *"The origin of the mission is the love of God, and its purpose is to reveal to all people this love that is manifested in Jesus Christ, through the Holy Spirit. By gift and grace the Scalabrinian Sister witnesses among the migrants this kerygma"².*

Called to live the charism of the Congregation, a gift of the Holy Spirit donated to the Church for its edification, through the Founder and Co-Founders, the Scalabrinian Missionaries are questioned to live welcoming, solidarity and to take on the apostolic itinerancy as *"migrants with the migrants"* and to witness communion in diversity. *"This charismatic gift imprints a particular style of sanctification and apostolate, enables us to contemplate migrations from*

¹ Constitutions MSCS, n. 6.

² Ibidem, n. 111.

*the perspective of faith and of seeing in migrants the image of the Pilgrim Christ: "I was a stranger, and you welcomed me"*³.

The apostolic mission of the Scalabrinian Missionaries is characterized by a spirit of service and self-giving to the migrants, inspired by the person of the Pilgrim Jesus Christ, through St. Charles Borromeo, through the Founder and Co-Founders; in announcing the Good News, they make present the Kingdom of God among the migrants. This affirmation indicates that the experience of itinerancy is an inner attitude, acquired little by little through the experience of the Scalabrinian religious, that characterizes her being and action in the accompaniment of migrants, who seek better living conditions in distant lands, and there sacrifice their lives "*so that all may have life, and have it in abundance*" (Jn 10:10), assuming the demands of interior divestment, leaving aside all that prevents them from fulfilling their spiritual and missionary journey.

"Being a migrant with migrants" means moving from a mission of immobility and repetition to a mission of agility and creativity, helping to create and develop life projects for migrants and refugees. The Scalabrinian religious, mother and sister of those who are on the way, cultivates in her life the traits that mark her missionary presence among the beneficiaries. Therefore, we can affirm that some of the characteristics of the Scalabrinian Missionary in the light of the Itinerant Christ are the following:

- ***A missionary who is present:***

Our God is God Emmanuel, the God who is present with us, the one who places his tent and his gaze on us. The one who has assumed our human condition to walk together with his people. As consecrated religious, the Scalabrinian woman is called to be a pilgrim with the pilgrims, in the commitment and attitude of making her way together with the migrant people. Therefore, the need to step out of oneself is a true requirement for the one who consecrated her life to God in the Scalabrinian Congregation. Not only to walk alongside the migrants but above all to support them in their struggles, conquests and adversities on their migratory routes. It is a question of "being together" in a prophetic way, "being a consecrated presence" as the Lord was a reference for the journey of the disciples of Emmaus.

*"The joy of the Gospel fills the hearts and lives of all who encounter Jesus. With Jesus Christ, joy is always born and reborn"*⁴. *"Religious follow the Lord in a special way, in a prophetic way. It is this witness that I expect from you. Religious should be men and women able to wake the world up. In their finite humanity, on the margins, in their everyday struggles, consecrated men and women live out their fidelity, giving a reason for the joy that lives in them. So they become splendid witness, effective proclaimers, companions and neighbors for the women and men with whom they share a common history and who want to find their Father's house in the Church."*⁵

³ Ibidem, n. 3.

⁴ Francis. Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, n. 1.

⁵ Idem, n. 47.

- **A missionary who goes out to meet the pilgrims**

The Scalabrinian Missionaries are called to go out to meet the "other"; to share their history, their sorrows and their hopes as Jesus himself did on the road to Emmaus. They are called to respect their religiosity, their ethnic, cultural and faith diversity. From the "other", from the wounded neighbor, the Lord challenges them to step out of themselves, from egocentrism in view of the good of the migrant and refugee brother and sister. In the migrant population that is on the move, the Scalabrinian finds her neighbor most in need of help, solidarity and welcoming, as presented in the Gospel of the Good Samaritan (Lk 10:25-37). These are the values of the Gospel itself that encourage them to assume the commitments in favor of the beneficiaries of this mission and to "be on the road with".

Accompanying the brother migrants places the Scalabrinian religious in a situation of a demanding privilege. Accompanying their anguish and struggles for a more humane and dignified life is a challenge to expand their capacity to love, to come out of themselves, because *"the love of Christ urges them not to live for themselves"* (II Cor 5:14), as Father Joseph Marchetti, the martyr of charity, witnessed, when he sacrificed his life for the migrant brothers: *"I consecrate to you and to my neighbor all the physical and moral forces of my body. In order to respond better to the high mission entrusted to me by your mercy, through the vow of charity, I will put everything before my neighbor for your love..."*⁶

- **A Missionary who welcomes**

Jesus welcomes Magdalene, the Samaritan woman, the girl who resurrects, Judas the traitor, Zacchaeus the sinner. He welcomes with special love the children, the abandoned, the sinners, and the most fragile: women, lepers, and the excluded. He welcomes them in his hours of glory and at the hour of the cross. He is always welcoming and in solidarity with those in need. Mother Assunta Marchetti also knew how to incarnate very well this attitude of welcoming and solidarity: *"Her ardent love for God was expressed through her apostolic zeal, her love for the little ones, the suffering and the migrants..."*⁷

Thus, the Scalabrinian Missionary, in following Jesus Christ, is called to welcome everyone, and not only the "clean", the "good" or those who have a "beautiful face" or those who are pleasing to the eyes. Although it is incomprehensible to many, with the love of the merciful Father, the Scalabrinian Missionary welcomes those whom the world marginalizes, exploits and excludes in the current context of migration, living communion in diversity and respecting the differences of culture, religion and ethnicity.

According to Pope Francis, welcoming means, above all, working to introduce public policies - offering broader options for migrants and refugees to enter destination countries safely and legally. This calls for a concrete commitment to increase and simplify the process for humanitarian visas and for reunifying families; offering migrants and refugees adequate and dignified initial accommodation, programs of welcoming to favor personal encounter and greater quality of service that can guarantee personal safety and access to basic services in the countries who receive them.⁸

⁶ Liturgy Jubilee Year. Centenary MSCS, pg. 68.

⁷ *Boletim Madre Assunta Marchetti*, n. 35, pg. 2.

⁸ Message for the World Day of Migrants and Refugees, 2018.

- **A Missionary who accompanies**

Another characteristic of the Scalabrinian missionaries is that of accompanying people and communities throughout their lives, helping them to engender their new life project along the way. The missionary does not settle down along the way, but accompanies, dialogues and supports the life projects that lead to the conquest of a more dignified and just life. Accompanying means "remaining in love" (Jn. 15:1ff), it means simply to trust, to believe, to hope, to be attentive to the time of God for every migrant, so that they can understand the mysteries of God who makes himself present in their migratory journey, almost always full of pain and suffering. According to Pope Francis, the joy of the religious men and women is born of the gratuitousness of the encounter, from the capacity to place oneself at the service of others, and not to close the heart but to open it to the brothers and sisters. He exhorts consecrated persons to "leave the nests" to live in the lives of the men and women of our time, and to offer themselves to God and to others.

We are called to come out of ourselves on a path of worship and service. We must go out through that door to seek and meet the people. Have the courage to go against the tide of this efficient culture, this culture of waste. The encounter and acceptance of all, the solidarity and the fraternity, are elements that make our civilization truly human. Be servants of communion and of the culture of encounter. I would like you to be almost obsessed about this! Be so without being presumptuous⁹.

- **A Missionary who announces**

Presence, accompaniment and welcoming also call for prayer and the proclamation of the Good News:

"Meeting the Lord gets us moving, urges us to leave aside self-absorption. A relationship with the Lord is not static, nor is it focused on self. "Because when we put Christ at the centre of our life, we ourselves don't become the centre! The more that you unite yourself to Christ, and he becomes the centre of your life, the more he leads you out of yourself, leads you from making yourself the centre and opens you to others". "We are not at the centre; we are, so to speak, 'relocated'. We are at the service of Christ and of the Church".¹⁰

Prayer is an inexhaustible mystery. It always brings more graces to the one who begs and the one who receives the graces of the petition. It is from these realities that only the one who walks the most and exercises the most discovers its meaning. It is a gift of the Spirit of God. For this reason, we must approach it in total silence, with humility, recollection, love, and with all our senses open and awake. The important thing is to pray, not to stop praying, to grow in prayer, to persevere, even when we are fatigued, because it is prayer that sustains the missionary in her action and, only in this way, she will be able to transmit her experience of God, from her own existence and in the proclamation of the Good News, "*making herself a path for those who walk, in search of a new horizon of life*".

⁹ Congregation for Institutes of Consecrated Life and Societies of Apostolic Life, *Rejoice*, Letter to consecrated men and women in preparation for the Year of Consecrated Life (2 February 2014), n. 10.

¹⁰ Idem, n. 5.

"Do not be afraid to show the joy of having responded to the Lord's call, to his choice of love and to witness his Gospel in service to the Church. And the joy, the true joy, is contagious; it is contagious... it makes us go forward...! The Church must be attractive. Awaken the world! Be witnesses of a different way of doing, of acting, of living! It is possible to live differently in this world... I expect from you this witness"¹¹.

- **A Missionary sister who carries the embrace of God**

In our times, Pope Francis has reminded consecrated men and women of their mission to help the People of God to meet the Lord who consoles us as a mother and to comfort the People of God. On the road to Emmaus, like Jesus with his disciples, let us welcome the joys and sorrows of the people in our daily companionship, giving "*warmth to the heart*", while we tenderly welcome the weary and the weak, so that the common journey may have light and meaning in Christ:

"Today people certainly need words, but above all, there is the need for us to witness the mercy and tenderness of the Lord, who warms the heart, awakens hope, and attracts it to goodness. The joy of bringing God's consolation."

Conclusion

The human, Christian and religious vocation of the Scalabrinian Missionary is centered in the spirituality of the journey, and on the person of the Itinerant Christ, as a life on a journey, exodus, and itinerancy in the light of the salvation of Christ, destined for all persons.

In the Itinerant Christ, we find the full meaning of the journey toward God. Together with Christ, we are walking our way, our pilgrimage towards the definitive homeland, where the gathering of all the elected around the Lamb will take place. Christ is the only way that leads us to the Father. He only can teach us the true meaning of our pilgrimage and itinerancy in this world. All Christians, and therefore all Scalabrinian Missionary Sisters, are called to a primary and urgent task: *to approach, to enculturate, to insert themselves among the most destitute and most needy migrants*, creating communion and fraternity, so that no one will feel like a migrant in this world.

"Every stranger who knocks at our door is an opportunity for an encounter with Jesus Christ, who identifies with the welcomed and rejected strangers of every age. The Lord entrusts to the maternal love of the Church every human being forced to leave his/her homeland in search of a better future. This concern must be expressed in a concrete way in the various stages of the migratory experience: from the departure and the crossing to arrival and return. This is a great responsibility which the Church wishes to share with all believers and people of goodwill, who are called to respond to the many challenges posed by contemporary migrations with generosity, promptness, wisdom and foresight, each according to his or her possibilities... in a common response which could be articulated around four verbs founded on the principles of the doctrine of the Church: to welcome, to protect, to promote and to integrate"¹².

¹¹ Ibidem, n. 10.

¹² Message for the World Day of Migrants and Refugees, 2018.

The Christian life is the proposal of a "way", indicated by God, the God who leads us to the Promised Land. The way is made by walking; we cannot remain seated, sedentary.... Walking means taking with us continually, without leaving behind, the object of our own hope, believing that God leads us towards the land flowing with milk and honey, where bread will not be scarce (Dt 8:7-10), where all roads, however winding they may be, will lead us to God (Dt 2:1).

May Mary, Mother par excellence of the journey and hope, help us to undertake each day a new pilgrimage towards the other, to offer to the migrant and missionary Son of the Father attitudes of proximity, itinerancy and availability for the service of our migrant and refugee brothers and sisters.

"The definitive fulfilment of the encounter between God and humanity, which took place in Christ, the universal man, urges us to go as a pilgrim Church among the men and women of today's multicultural societies, announcing to them the mystery of the communion within the Holy Trinity, whose dialogue as Father, Son and Holy Spirit becomes for us the model for all relationships. On this journey, a welcoming attitude, itinerancy and communion in diversity are the specific traits the Church asks us to witness to..."

Basic Text: *Traditio Scalabriniana*, 4

Translated by:
Francesca Soave

INCONTRI QUOTIDIANI A SAIGON

Marianne Buch - Bianca Maisano - Marina Azzola, mss

I diversi volti della migrazione

In questa periferia di Saigon, dove abbiamo trovato casa e incominciato la nostra presenza come *missionarie secolari scalabriniane*, di rado si vedono volti non asiatici. Quando cammino per strada, vado in chiesa o al vicino mercato, quando viaggio in autobus, sento ovunque parlare la lingua vietnamita, ma ancora la capisco poco. I diversi toni ne rendono piuttosto difficile l'apprendimento, la comprensione e la pronuncia, ma piano piano sto facendo progressi.

Nel quartiere siamo probabilmente le uniche europee e per questo non passiamo inosservate. Ma l'esperienza della mobilità umana è di casa anche in questo paese. Ci sono da un lato i tanti turisti che hanno scoperto questo paese come meta dei loro viaggi. Ci sono poi i migranti per motivi di lavoro, gli imprenditori, i proprietari di piccole, medie e grandi imprese, che guardano al Vietnam come potenza economica in ascesa, un nuovo mercato che produce bene e a prezzi più convenienti. Molti di loro provengono dai Paesi asiatici circconvicini come la Corea del Sud, il Giappone, le Filippine, la Malesia, la Cina ma anche dai Paesi europei. E non finisce qui...

Migrazione in Vietnam? Non se ne parla, ma se si è attenti, se ne può scoprire la presenza in ogni incontro.

Al mattino durante il percorso in autobus per raggiungere l'università, incontro spesso una giovane donna. Non parliamo molto insieme, mi manca ancora il vocabolario necessario. Ma un sorriso, un breve saluto sono sempre possibili. La scorsa settimana le ho chiesto se è di Saigon. "No", mi ha risposto, "sono del Nord, circa tre ore di volo mi separano dal mio luogo di origine, a nord di Hanoi, dove abita la mia famiglia. A Saigon vivo da sola. Sono venuta per motivi di lavoro".

Migrazione in Vietnam? Mi raggiunge un SMS di Quòc. È originario di un villaggio nelle vicinanze di Vung Tau (a circa 150 Km da Saigon), dove ci siamo conosciuti in occasione di una ricorrenza speciale. Si è trasferito a Saigon per motivi di studio e abita nel territorio della nostra parrocchia, a Khiết Tam. "Sono ritornato per l'inizio del semestre. A quale Messa andate la domenica? Possiamo incontrarci lì". Per tanti giovani delle aree rurali è normale lasciare il paese di origine e trasferirsi nelle grandi città come Saigon e Hanoi per lavorare o studiare. Soli, stranieri in queste gigantesche metropoli: quello che conta, allora, sono le relazioni, i rapporti di amicizia.

Migrazione in Vietnam? Kim ci invita per un caffè. È originario della provincia di Vinh. Qui a Saigon ha conosciuto sua moglie. Ora aspettano il loro primo figlio. La donna, dopo il matrimonio, diventa parte della famiglia del marito e così la moglie di Kim è andata nel paese di origine del marito per dare alla luce il bambino e trascorrervi i primi mesi da giovane mamma. Qui a Saigon non hanno nessun parente. La distanza tra Saigon e Vinh è di circa 1300 Km. "All'inizio del prossimo anno lunare – mi dice Kim – andrò a Vinh. Trascorrerò con la mia famiglia la festa del Têt e poi tornerò a Saigon con mia moglie e il mio bambino".

Sì, l'esperienza del migrare ha molti volti diversi in Vietnam. Sempre di nuovo, spesso in modo del tutto inaspettato, si è confrontati con questa realtà attraverso gli incontri più quotidiani.

Nel nostro testo di lingua vietnamita, al termine di ogni lezione c'è sempre una breve lettura. Oggi leggiamo un testo intitolato "Nho que", che tradotto significa: "Nostalgia di casa". In esso viene raccontata la storia di una giovane donna che vive in un piccolo villaggio del Vietnam centrale. A quella latitudine la silhouette del Vietnam si restringe e misura solo 50 km (di larghezza). A causa del clima quella regione è molto povera, non vi crescono molte piante. In prevalenza vengono coltivati i cosiddetti "frutti del drago", che si ambientano bene nei climi secchi e ventosi. L'autrice racconta che da piccola non ha mai lasciato quel luogo. La prima volta è stato per lo studio. Con pochi effetti personali, alcuni vestiti, una vecchia bicicletta e una fotografia della famiglia nella valigia è arrivata a Saigon. In questa grande città, dove tutto era così straniero per lei, ci è voluto tempo per ambientarsi. Ora si sente a casa, ma nel cuore c'è sempre il desiderio di rivedere la famiglia. Finora però non ne ha avuto la possibilità. La signora Phuong, nostra insegnante, ci aiuta a comprendere meglio il testo dal punto di vista linguistico. Non ci spiega solo i termini, ma anche che cosa c'è dietro: "Potrebbe essere la mia storia. Anch'io ho fatto la stessa esperienza quando sono arrivata a Saigon. Non conoscevo nessuno e tutto mi era estraneo".

"Ero straniero e mi avete accolto" (Mt 25,35). Mentre la lezione continua, i miei pensieri volano a queste parole del Vangelo. Davvero l'incontro con l'altro, anche quello più casuale, se vissuto nella disponibilità ad ascoltare, può aprirci gli occhi e mettere testa e cuore in movimento.

Sul ciglio di una grande strada

Abitiamo nella periferia di Saigon ormai da un anno e mezzo. Vivere qui, e soprattutto cercare di condividere la nostra vita con quella dei migranti che vi abitano, la considero una fortuna. O meglio, un grande dono. Spesso mi trovo a riconoscere che sono proprio le relazioni più semplici quelle che mi fanno sentire a casa in questo paese a molti ancora poco conosciuto, nel Sud dell'Asia.

La consapevolezza di trovarmi spogliata di tante sicurezze – e di conseguenza la possibilità di riconoscermi esistenzialmente povera – è paradossalmente la più grande ricchezza che mi trovo spesso a condividere. Un'esperienza che si sta rivelando sorprendentemente feconda e generativa. L'ho scoperto camminando sul ciglio della strada, provando a mettermi al passo con chi cammina più lentamente: perché è caduto, ha perso tutto, ha sbagliato direzione... ma non si è arreso. In effetti, chi cammina piano piano, chi non ha provviste per il viaggio, chi non ha più parole è più aperto alla relazione, all'incontro, al sorriso gratuito e senza ammiccamenti per ottenere un tornaconto.

Due volte alla settimana – quando riesco anche tre – visito un luogo sorprendente: un "hospice" che fa pensare immediatamente al vangelo di Matteo, capitolo 25: *"Ero nudo, ammalato, carcerato, straniero... e ti sei preso cura di me"*.

Dapprima in uno spazio decisamente angusto ed ora, da non molto tempo, in una nuova casa, un coraggioso sacerdote camilliano, padre Tu, dieci anni fa ha incominciato a raccogliere dalla strada malati di tubercolosi ed Aids in fase terminale. Queste due malattie qui, come in altre parti del mondo, sono ancora oggetto di paura e di stigma da parte delle famiglie e della società. Chi ne è affetto viene spesso abbandonato, con la differenza, rispetto ad altri paesi, che qui non esistono strutture di accoglienza specializzate, a maggior ragione per chi non ha

risorse economiche. Il luogo della fase terminale diventa allora proprio la strada. E sul ciglio di una grande strada, la HA1, che collega il Vietnam da Nord a Sud, si trova questo straordinario “hospice”.

I pazienti più gravi sono raccolti a pianoterra in stanze da tre o quattro letti suddivisi in base alla gravità e alla contagiosità. Quelli che stanno meglio in due grandi stanzoni al primo piano. In tutto una trentina di pazienti. Uomini e donne, età media giovane, troppo giovane, sui 30-40. Ci sono inoltre una cucina, una stanza con alcune bare pronte all’uso, una stanza utilizzata come ufficio e un portico multiuso con un lato totalmente aperto: sembra una cappella, ma si trasforma rapidamente in sala di festa, laboratorio, camera ardente.

Qui la morte non è uno spauracchio da tenere lontano, magari con qualche preghiera o rito propiziatorio, ma è di casa e conviene farsela amica. Farla entrare in modo normale nel proprio percorso come una meta o una tappa, a seconda delle diverse religioni. La morte si contempla anche nell’estrema magrezza dei pazienti più gravi, costretti a letto, fragili come ramoscelli secchi ma ancora vivi. Non c’è tragedia nei loro occhi. Anche chi sta lottando e soffrendo, lo fa in mezzo agli altri con una dignità e una serenità che lasciano a bocca aperta.

Giorno per giorno questo ambiente mi è penetrato nel cuore e come una spina nella carne mi interPELLA. E nello stesso tempo mi fa scoprire, senza spreco di parole, la beatitudine della povertà vissuta nell’amore e nell’aiuto reciproco. Sì, perché una delle cose che certamente sorprende è che in questo luogo non c’è personale sanitario. Sono i malati stessi, appena si sentono meglio, ad aiutare gli altri. Alcuni si occupano del monitoraggio delle terapie, altri aiutano a cucinare, a lavare i pazienti non autosufficienti. Non c’è nessun medico, nessun infermiere. Padre Tu e gli studenti camilliani hanno una formazione anche sanitaria, ma vengono qui saltuariamente, quando possono. Ed io, che pur essendo medico mi sentivo e mi sento così povera ed inadeguata, mi sono trovata accolta, attesa, incoraggiata.

Quando arrivo, aspetto che mi dicano cosa devo fare, chi devo visitare. Mi informano su chi è più grave, chi è più preoccupato, chi ha bisogno di incoraggiamento. Chi è mancato durante la notte o il giorno prima. Ho solo il fonendoscopio e mi sento poco più che studente di medicina davanti a reperti del tutto inediti. Scrivo in un quaderno i dati delle persone, i loro nomi, età e quello che sento auscultandoli, per cercare di ricordare ciascuno, di chiamarli per nome. Come quando ho lavorato in carcere, la comunicazione più importante con i pazienti non sono le parole ma gli sguardi, proprio gli occhi, perché il resto è coperto dalla mascherina. Saluto, sorrido e visito.

La mia presenza disarmata li sta incoraggiando oltre ogni mia aspettativa. Sempre di più collaborano, mi chiamano. Si fidano. Ho bisogno di aiuto per tutto e non posso ancora molto comunicare con le parole ma, nonostante questo, o meglio proprio “grazie” a questa mia e loro povertà è possibile un vero incontro, che fa alzare la testa anche in questa difficile situazione.

Autobus n. 19

Alle 9 del lunedì mattino l’autobus n. 19 – che congiunge la periferia in cui viviamo con il centro della città – non è così affollato come nelle ore di punta, ma riesce quasi sempre a riempirsi. A quest’ora i passeggeri sono in prevalenza studenti – al capolinea si trova il nuovo campus universitario e sulla traiettoria si affacciano le università di giurisprudenza, di tecnologia e di scienze umane e sociali –, donne cariche di merci da vendere nei mercati di quartiere o in stand improvvisati lungo la strada, genitori che portano i loro bambini

all'ospedale pediatrico per un controllo medico, giovani uomini, anziani, ...tanti mondi che si incrociano sulla piattaforma di un automezzo.

Stamattina vicino a me c'è ancora un posto libero. Sale una donna minuta, segnata dal tempo e dalla fatica, accompagnata da un bambino di otto o nove anni. Mi stringo e faccio cenno al bambino di spostarsi ancora un po' verso di me in modo che possiamo starci in tre. Una volta sistemati, apro il libro di vietnamita per ripassare l'ultima lezione. Inaspettatamente il bambino comincia a leggere ad alta voce, scandendo sillaba per sillaba, il testo che ho davanti. Non stacca lo sguardo dal libro: continua deciso, anche se lento, a leggere. Mi stupiscono la sua concentrazione e la sua risolutezza ... e si stupiscono anche gli altri passeggeri. La donna stringe fra le mani un libretto, forse di preghiere buddiste, e un blocchetto di biglietti della lotteria. Come lei, tante persone indigenti qui a Saigon sbarcano il lunario vendendo la speranza di una vincita alla lotteria: ogni giorno avviene l'estrazione del numero vincente. Spesso sono i bambini ad improvvisarsi in questo lavoro. La donna fa cenno che è ora di scendere. Il bambino la segue e dalla strada continua a sorridermi e a salutarmi agitando la mano finché il bus che riparte ci sottrae agli sguardi.

Questo bambino è uno tra i tanti che qui a Saigon vivono la loro giornata sulla strada, svolgendo lavori occasionali. Ne incontriamo diversi anche nel quartiere in cui abitiamo. Sono figli di migranti interni¹³. Spesso appartengono ad una delle 53 minoranze etniche che abitano il Paese e che rappresentano circa il 15% della popolazione¹⁴. Essi devono affrontare numerose sfide per poter accedere all'istruzione, accresciute dal fatto che la maggior parte dei loro genitori non ha mai avuto l'opportunità di andare a scuola e di essere alfabetizzata.

I primi che abbiamo conosciuto sono stati una ragazzina di nove anni e un bambino di sei. Si sono presentati al cancello della nostra abitazione e hanno chiesto di entrare. Li abbiamo dapprima intrattenuti con alcuni giochi, ma poi, da un loro gesto, abbiamo capito che il loro intento era chiedere qualche soldo: "tiền, tiền". Le loro visite si sono ripetute. Grazie alla mediazione linguistica di alcune vicine, abbiamo visitato la loro casa e incontrato la loro mamma.

Abbiamo così un po' conosciuto la storia di questa famiglia originaria di un'altra provincia del Vietnam. Nell'unica stanza disadorna – che riunisce cucina, soggiorno e camera da letto – abitata da sei persone, la donna ha raccontato di aver raggiunto il marito, emigrato a Saigon alla ricerca di un lavoro. Ogni giorno percorre le strade del quartiere vendendo biglietti della lotteria. La bambina, da quando è arrivata a Saigon due anni fa, non frequenta la scuola: i suoi genitori, così come tanti immigrati, non sono registrati all'anagrafe del comune e, di conseguenza, non hanno accesso ai servizi sanitari e scolastici, sia per loro che per i figli. Inoltre, la frequenza della scuola comporta dei costi: materiale scolastico, libri di testo, divisa, contributi per la manutenzione dell'edificio, ...

In questa, come in tante altre situazioni che stiamo conoscendo, il primo passo è aiutare la famiglia perché possa far fronte alle spese di registrazione al comune. Questo rende possibile l'iscrizione alla scuola. La scelta di una giovane famiglia italiana di sostenere un progetto in Vietnam ha permesso, già dall'estate scorsa, di regolarizzare la posizione dei genitori, di affittare un'ulteriore stanza e di inserire la bambina nella scuola pubblica. Dal settembre

¹³ I migranti interni rappresentano il 13,6% della popolazione vietnamita. La percentuale è più alta nelle aree urbane (19,7%) rispetto a quelle rurali (13,4%) e sale fino al 29,3% nel sud-est del Paese. La città di Ho Chi Minh (Saigon) supera questa percentuale: oltre a 8 milioni di abitanti, conta circa 5,3 milioni di immigrati, numero destinato a raddoppiarsi nei prossimi anni. A livello nazionale il 13,4% dei bambini che emigrano con i loro genitori non frequenta la scuola.

¹⁴ L'etnia maggioritaria è quella Kinh o Việt, che rappresenta l'85% della popolazione.

scorso frequenta la seconda elementare ed è orgogliosa di poter scrivere e leggere e, qualche volta, di... firmare al posto della mamma che è analfabeta.

Abbiamo conosciuto, tra i tanti, anche un bambino di sei anni. La madre se ne è andata di casa quando lui aveva sei mesi. Ora vive da solo con il padre che raccoglie stracci e ferri vecchi sul piccolo rimorchio agganciato al suo ciclomotore. Quando esce dall'Istituto che lo ospita durante il giorno, aiuta suo padre e si addestra, già così piccolo, al mestiere.

Il bambino dovrebbe andare a scuola, ma il padre non solo non ha nessun documento di identità, ma sul certificato di nascita del bambino risulta solo il nome della madre. Di conseguenza il riconoscimento della paternità si presenta come un'impresa ardua. Ci informiamo da un medico sulla possibilità di effettuare il test del DNA, ma ci dissuade dall'intraprendere questa strada per la complessità del percorso burocratico. Un giovane avvocato italiano, incontrato all'uscita della Messa in lingua inglese nella cattedrale di Saigon, sta studiando insieme ad un collega la possibilità di regolarizzare la situazione.

Nel frattempo, la disponibilità di una signora vietnamita ad accogliere il bambino come membro della sua famiglia e l'aiuto di alcuni amici emigrati in Svizzera, sta aprendo la possibilità di iscrivere il bambino alla scuola.

Tante altre storie e tentativi in questa direzione si incrociano sulle strade di questa periferia. In questi ultimi decenni il sistema scolastico ed educativo in Vietnam è migliorato, ma molte sfide rimangono ancora aperte e tanto rimane ancora da fare. Il gruppo più emarginato rimane quello dei bambini migranti. Diverse organizzazioni e istituti religiosi si impegnano in questo campo attraverso le "charity schools", cui possono accedere gratuitamente bambini degli strati sociali più svantaggiati.

Mi rimane nella mente e nel cuore il bambino incontrato stamattina sul 19, la sua voglia di imparare, il suo ingegno nel cogliere ogni occasione che si presenta nella giornata per migliorare le sue conoscenze, la sua tenacia nel tentare di superare le barriere che si frappongono al suo futuro, il suo sorriso riconoscente per aver trovato un libro aperto, uno spazio di accoglienza nel breve spazio di un viaggio in autobus.

*Inviati per annunciare l'amore universale del Padre e per servire,
il nostro pellegrinaggio comporta una costante emigrazione
da noi stessi verso l'altro...*

Testo-base della *Traditio* Scalabriniana, 5

DAILY FACE-TO-FACE ENCOUNTERS IN SAIGON

Marianne Buch – Bianca Maisano – Marina Azzola mss

The many and diverse faces of migrants

In this suburb of Saigon, where we have found a new home and begun our presence as “Scalabrinian Secular Missionary Women” in Vietnam, it is a rare experience to meet non-Asians. When I take a walk, go to church or go shopping, or use the local bus-line, everybody else is speaking the Vietnamese language, which I am learning at the moment. Vietnamese is a tonal language which makes learning, comprehension and pronunciation rather difficult, but I am beginning to get used to it all.

Most probably we are the only Europeans in our suburb and that’s why we come under the radar of the natives. But the experience of migration is not unknown in this country. There are plenty of tourists who want to get a little bit acquainted with Vietnam and its peoples. There are also migrant workers, entrepreneurs, the owners of small/middle and big companies, who consider Vietnam one of the growing economies, because it can produce goods at competitive prices for international markets. Many of these come from neighboring countries, such as South Korea, Japan, the Philippines, Malaysia, China and some European countries. But this is not all...

Migration in Vietnam? Nobody speaks about it, but its presence is pervasive and can be discovered in many encounters.

In the morning, during the bus trip to the university, I often meet a young woman. We do not speak to each other much. I still have to find and use the right words. We still recognize each other’s presence through a smile and a briefly spoken greeting. Last week, I asked her whether she had been born in Saigon. “No”, she replied, “*I come from the North – three hours of flying time from here – to the north of Hanoi, where my family is still living. I am alone in Saigon. I came here to work*”.

Migration in Vietnam? I get a SMS from Quòc. He hails from a village in the vicinity of Vung Tau (roughly 150 Km from Saigon), where we met during a special event. He has now come to Saigon to study and he lives in our parish, at Khiet Tam. “*I have come back for the beginning of the semester. Which Mass will you attend on Sunday? That’s where we can get together*”. For many youths from rural areas it is quite normal to leave their villages and move to the big cities, like Saigon and Hanoi, to find work or to go to school. Feeling alone and rather lost (as if foreigners), in these great metropolises, it is crucial to find friends and build new relationships.

Migration in Vietnam? Kim is inviting us for a cup of coffee. He comes from the province of Vinh. In Saigon he met his wife and they are both looking forward to the birth of their first child. Usually, after a marriage, the woman becomes part of the husband’s family. As a consequence, the wife of Kim has travelled to the native place of the husband to give birth and spend the first few months as a mother with a new baby. They have no relatives here in Saigon. The distance between Saigon and Vinh is about 1300 Km. “*At the start of the next*

lunar year – Kim tells me – I myself will go to Vinh. I want to spend the Têt feast-day with my family and then we will all come back to Saigon”.

The experience of moving from one place to another is subject to many variations in Vietnam. It is not difficult to experience its twists and turns.

In our textbook of the Vietnamese language, there is always a brief reading at the end of every lesson. Today we read a text titled, “Nho Que” which means “homesickness.” It tells the story of a young woman who lives in a little village in central Vietnam. It is where Vietnam has a depth of only 50 Km. Because of its climate, the region is very poor. Prevalently, they cultivate dragon fruits which prosper in a dry and windy environment. The young lady recalls that, as a kid, she never left her village, until she felt she had no alternative. She left in her quest for a higher education. With very few belongings, some clothes, a bicycle and a picture of her family, she covered the distance to Saigon. The city life was a big shock to her, and it took some time before becoming adjusted. Now she is quite well, but still dreaming of seeing her village and family. However, she could not do it yet. Our teacher, Mrs. Phuong, is a great help to us in our efforts to understand the text in its details of both language and context. And she adds: *“It could be my own story. When I came to Saigon, I felt alone. I did not know anyone. Everything was so new.”*

“I was a stranger and you welcomed me” (Mt 25:35). As the lesson goes on and on, the words of the Gospel come to my mind. Even the most casual of encounters, if lived with a listening attitude, can open our eyes and set our mind and heart in motion.

On the edge of a big road

We have lived at the outskirts of Saigon for one and a half year. In so doing, we share the same perils and fortunes of many migrant people living in the area. I feel so lucky, and I treasure the experience as a great gift. These casual, but life-filled encounters make me feel at home in this south-east Asian country.

I am aware that, in the process, I am being deprived of many earlier experiences and knowledge. And, yet, I believe that it is becoming a great treasure. Paradoxically so: a life-experience which can lead to an inner growth and discovery. I have discovered all this by walking on the edge of the road and matching my pace with theirs: some people have fallen by the wayside, lost everything, including direction in life... but they have not given up all together. The slow speed, so to say, with very few belongings and messages leave more time to communicate, to sit down for a chat, smile together, without any selfish intention.

Twice a week – even three times a week when I can – I drop by an hospice, which is a living embodiment of the gospel of Matthew, Ch. 25: *“I was naked, sick, in jail, a stranger...and you looked after me”*.

The hospice was previously housed in very poor dwellings, but now it has moved to better premises. It is situated along a big road, the HAI, which is connecting Vietnam: from the South to the North. Due to the initiative of a Camillian priest, Fr. Tu, it has been welcoming people affected by tuberculosis and Aids. Two illnesses which are both feared and stigmatized by families and by the Vietnamese society. People affected by them are easily abandoned. Unlike other countries, there are no public or private institutions to provide adequate care for

these unfortunate people, especially those without sufficient financial resources. The terminal phase of the sickness is usually spent out in open spaces, on the sidewalks.

The very seriously ill are housed on the ground floor, four or five in each room, according to both their physical condition and contagiousness. Those who feel better stay in two large dormitories at the first floor: thirty patients in all, men and women, still in their youthfulness (30-40 yrs old). For them, there is a kitchen, a room with empty coffins (just to be ready!), an office room and an outside space, which can be used as a chapel, a hall, a laboratory or a mortuary.

In this place, death is not something to be feared or avoided at all costs, with prayers or special rites; it is at home and it is better to be on friendly terms with it. Death is here like a companion in one's own journey of life, according to the different religious views. Death is almost visible on the faces of the very seriously ill, confined to bed, weak and frail as dead branches. There is no sense of tragic abandonment in their eyes. You can almost feel a sense of pride and dignity which leaves me or anyone else rather speechless.

Day after day, this place has found a special niche in my heart, almost a thorn in my body. Without too many words, it helps me to discover the beatitude of the poor, when poverty is lived with simplicity, love and spontaneous reciprocity. One surprising thing about this place is that there is no health officer. As soon as they feel better, the sick patients are the ones turning their attention to the less well. Some look after the monitoring of different therapies, others help in the kitchen, wash and clean patients and beds. There are no doctors or nurses. Fr. Tu and the Camillian students have received also medical training, but they come here only occasionally, whenever possible. Despite being a doctor, I feel so inadequate, yet I was welcomed with open arms and encouraged.

When I enter these premises, I wait till they tell me what is to be done. They tell me who is getting worse, patients who need a word of encouragement. They inform me if there has been a fatality during the night or the day before. I carry only basic instruments and I feel like a student of medicine as I read their medical reports. I record in a notebook their personal data, name, age, and what I perceive auscultating them, trying to remember everyone and calling them by name the next time around. I learned this when I was visiting patients in jail: words are not as important as the exchange of gazes. The eyes are important, because the rest is covered by the mask. I greet them, smile and begin the examination.

My presence, as simple as it is, is a great encouragement to them, beyond my expectations: they ask for me, they help me and trust me. I am in need of help, because I cannot manage their language sufficiently well. But, in spite of this, or perhaps thanks to our limitations, a real encounter is possible, which can make one feel positive even in a difficult situation.

Bus no. 19

It is nine o'clock on Monday. I board bus no. 19, linking our suburb with the center of the city. It is not as crowded as in rush hours, but it gets full of passengers almost every time. At this hour, it is usually fully loaded with students: at the end there is the new university campus, and they will get off along the distance as we run alongside several departments: jurisprudence, technology and social sciences. Besides the students there are also women loaded with products for the city markets, parents accompanying their children for a medical

check-up, young men and old people. All with their own concerns and hopes, standing elbow to elbow within a bus.

This morning there is an empty seat beside me. A petite woman, skinny and visibly emaciated, comes aboard with an eight- or nine-year-old child. I move slightly and motion to the child to get closer so that the three of us can seat. Once we are settled, I go back to my Vietnamese textbook. Rather unexpectedly, the child begins to read aloud the text in Vietnamese, one word after another. And he goes on, slowly but with a rare sense of determination, so much so that the other passengers show their surprise. The woman is holding a booklet, perhaps some Buddhist prayers, and a lottery booklet. Like her, many poor families try to make ends meet by selling lottery tickets, hoping... Every day there is a lottery draw. Often, children are the ones who engage in this kind of work. The woman nods to the child that they must leave the bus. Once off the bus, the child continues to smile at me and waves goodbye with his hand, as the bus moves along.

This boy is one among many who spend their days on the sidewalks here in Saigon or, if lucky, doing some occasional informal job. They are noticeable even in our suburb. They are children of internal migrants.¹⁵ Often they belong to one of the 53 ethnic minorities in Vietnam, which represent 15 percent of the population.¹⁶ The schooling process is a bit of a challenge for them, since their parents usually never had the chance to go through even the most elementary forms of schooling.

We were given the opportunity to have a first-hand experience of encountering children. One day, a girl of nine and a boy of six came to see us. We invited them in and tried to entertain them with some games, but their gestures became unmistakably clear: they needed some financial help (“tiền, tiền”). They came back again and again. Helped by some neighbors, we went to see their mother.

So we came to know the history of this family who had resettled in Saigon from another province. In their only room – comprising kitchen, living room and bedroom – there lived six people. The mother recalled that the whole family had come to live in Saigon, following an earlier move by her husband. Every day she tries to sell as many lottery books as she can along the streets of the neighborhood. Since moving to Saigon, her daughter has never attended school, for the simple reason that her parents, along with all her children, are not registered in the registry office of the city hall and consequently are not entitled to access any health or school facilities. In addition to registration, attending school would imply expenses (books, uniform and other expenses...) which they simply cannot afford.

In this, as in many other cases, the first step to be taken is to help the family to meet the necessary expenditures to be officially registered. This will pave the way to a normal school enrolment. The support given by an Italian family to support such a project in Vietnam has, since last summer, helped to regularize the family concerned, rent an additional room and enroll their girl in school. Since last September, the girl has been attending the second year of the elementary school and is very proud to write and read and sometimes...to place her signature in lieu of her mother who is still illiterate.

¹⁵ Internal migrants represent 13.6 percent of the Vietnamese population. The percentage is higher in the urban areas (19.7%) compared to the rural ones (13.4%) and it reaches 29.3% in the south of the country. Ho Chi Minh City (Saigon), with 8 million citizens, has about 5.3 million immigrants, a number which is going to double in the coming years. At the national level, 13.4% of migrants' children do not attend school.

¹⁶ Kinh o Việt are the largest ethnic minority and they represent 85% of the population.

We have also met (one case among many) a six years old boy. His mother had left him when he was only six months. Now he lives with his father, who is gathering rags and old irons, piled up on top of a trailer, drawn by his motorcycle. When he leaves the institution that hosts him during the day, he is always helping his father and learning, so young, a trade. The boy should go to school, but the father does not possess any identity card and on the boy's birthday certificate there is only the name of his mother. Consequently, paternity recognition is a challenging task. We approached a physician to see whether it would be advisable to have a DNA test, but he was not in favor because of the tortuous bureaucratic procedures. A young Italian lawyer, met after the English Mass in the Saigon cathedral, is looking into the possibility to regularize the situation. In the meantime, thanks to a gracious Vietnamese lady, who welcomed the boy in her family, and the help given by some friends in Switzerland, our hopes to get the boy into school are growing stronger.

Many other stories and similar efforts are part and parcel of our daily life in Saigon. There has been a notable improvement in the educational system in Vietnam, but there are still gaps and failures. Much remains to be done. The most marginalized group is that of migrants' children. Several organizations and religious institutes have taken up this challenge and are running the so-called "charity schools", which enroll for free children from low income families.

I still recall the child met on bus 19 this morning: his eagerness to learn, and to make the most of the opportunities which cross his everyday experience, his tenacious character to overcome barriers and prejudices, his smile of satisfaction for having found an open book and a welcoming space in the short distance of a bus trip.

We are sent to announce the Father's universal love and to serve.
Our pilgrimage calls for an ongoing migration from ourselves to the other...

Basic Text of the Scalabrinian *Traditio*, 5